



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI – UNIVATES

CURSO DE PEDAGOGIA

## **INFÂNCIA RURAL: MEMÓRIAS DE UMA ÉPOCA**

Camila Guntzel Ely

Lajeado, novembro de 2017

Camila Guntzel Ely

## **INFÂNCIA RURAL: MEMÓRIAS DE UMA ÉPOCA**

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do curso de Pedagogia, Universidade do Vale do Taquari - Univates, como parte da exigência para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dra. Danise Vivian

Lajeado, novembro de 2017

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como foco as representações de infâncias de um grupo de idosos de uma localidade interiorana do município de Cruzeiro do Sul/RS. A pesquisa intenciona analisar as diferentes práticas de socialização, identificar o tempo e o espaço do brincar de uma determinada década e analisar de que modo os familiares compreendiam o processo de escolarização. Tal investigação parte da seguinte problemática: quais as representações de infâncias de idosos que residem na localidade de Boa Esperança Baixa? De abordagem qualitativa, a metodologia de pesquisa fez uso de entrevistas semiestruturadas, com quatro contadores de histórias, dois homens e duas mulheres, e posterior análise das narrativas biográficas obtidas. Entre os conceitos abordados e estudados, utilizou-se o conceito de infância sob mais de uma perspectiva, para além do tempo atual e de sua ligação com uma etapa cronológica, estabelecendo relações com as diferentes alterações que o sentimento de infância sofreu durante o decorrer da história e procurando analisar quais as impressões que idosos têm de sua própria infância. Para tanto, têm-se como principais autores estudados: Ariès (2012), Kohan (2004) e Bujes (2002). Outro conceito utilizado é o conceito de memória, os principais autores que embasaram o estudo foram: Bosi (1999) e Rinaldi (2012). O trabalho também buscou contemplar o conceito de experiência, a partir do qual são destacadas as experiências sentidas e vividas, bem como a experiência que nos é proporcionada ao trabalhar com narrativas biográficas, conforme destacam Faour (2009) e Gagnebin (2006). Como resultados, este estudo destaca que as práticas de socialização ocorriam entre primos e vizinhos e as relações familiares não demonstravam muita afetividade. Percebe-se que o tempo destinado ao brincar era um tempo regulamentado e social, por outro lado, indiretamente, através das narrativas, percebeu-se que haviam outros momentos para o brincar. Os contadores de histórias utilizavam-se do faz-de-conta para criarem suas brincadeiras. Com relação ao processo de escolarização, os contadores de histórias mencionaram o medo que sentiam do professor e o quanto essa figura era respeitada. Relataram também os castigos que recebiam, bem como a impossibilidade de retomar os conteúdos. Através deste estudo, pode-se perceber que não existe uma representação única e limitada do que é infância, mas sim diversas possibilidades de representações de infância, a partir da cultura, de vivências e de experiências dos grupos que são interpelados a falar sobre a mesma.

**Palavras-chave:** Infância. Memória. Narrativas Biográficas. Experiência.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>5</b>
<b>2 METODOLOGIA.....</b>	<b>10</b>
<b>3 TRAMA CONCEITUAL – CONCEITOS QUE ME ACOMPANHAM .....</b>	<b>16</b>
<b>3.1 Entre rastros: o conceito de memória.....</b>	<b>16</b>
<b>4 NARRATIVAS BIOGRÁFICAS E A EXPERIÊNCIA.....</b>	<b>22</b>
<b>5 INFÂNCIA: CAMINHOS DE COMPOSIÇÃO.....</b>	<b>31</b>
<b>5.1 Práticas de socialização: de que forma aconteciam? .....</b>	<b>39</b>
<b>5.2 O tempo e o espaço do brincar .....</b>	<b>47</b>
<b>5.3 Infâncias marcadas por dificuldades .....</b>	<b>53</b>
<b>5.4 A vida escolar e os castigos da época .....</b>	<b>57</b>
<b>5.5 Um amor chamado boa esperança .....</b>	<b>64</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>70</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>75</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>78</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Escolher um tema central para o trabalho de Conclusão de Curso não foi tarefa fácil. Na primeira reunião de TCC eu ainda não havia definido a minha escolha. No momento que conheci a professora Mariane, comentava com ela sobre o meu interesse em abordar uma temática que estivesse relacionada com o interior de uma cidade, mas não sabia exatamente o que eu gostaria que estivesse presente neste trabalho, que sim, merece muita dedicação.

Por diversas vezes a angústia se fez presente quando em aulas abordávamos a questão do Trabalho de Conclusão de Curso. Como eu ainda não havia definido um tema específico em minhas leituras, ficava procurando um que talvez fosse do meu gosto aprofundar, mas não me dava conta que o meu maior interesse estava na minha frente e que eu poderia, sim, fazer um estudo abordando um lugar que tanto se fez presente na minha constituição pessoal.

Certo dia, a professora Mariane comentou que havia realizado um trabalho com adultos e idosos, em que abordou as narrativas deles sobre a infância. Meus olhos brilharam e, foi ela quem me encorajou a decidir pelo meu tema central. Conhecia muito bem o meu desejo pelo interior, manter esse contato direto com pessoas humildes, com suas particularidades culturais e poder estudar essas narrativas de infância rural, que jamais me cansariam. Estava decidido, seria esse meu tema: memórias de infâncias rurais.

No início deste ano de 2017, a professora Mariane enviou-me um e-mail no qual relatou que, estando meu tema alvo relacionado a pesquisas realizadas por ela, poderíamos fazer um belo trabalho juntas, caso ainda fosse o meu desejo. Sentada embaixo de uma grande árvore, na companhia dos meus queridos avós, da minha mãe, num lugar que eu amo de paixão, recebi essa adorável notícia. É claro que a resposta foi “sim”.

Como foi acima mencionado, o tema central deste Trabalho de Conclusão de Curso são as narrativas e memórias de infâncias de idosos de uma localidade interiorana. Este assunto foi pensado inicialmente pela minha grande paixão por idosos e, acima de tudo, pelo interior de uma pequena localidade do município de Cruzeiro do Sul-RS, chamada Boa Esperança Baixa, onde eu nasci e me criei.

Narrativas sempre me encantaram... Ao pé do fogão a lenha, em rigorosos invernos, ou embaixo de uma grande árvore de figueira sob um sol escaldante, ou mesmo ao lado do forno de pão, sob a sombra de um pomar cheiroso, na beira de uma sanga, na varanda da velha casa de madeira, nas enormes pedras de um imenso poteiro, ao redor de grandes açudes, na ida à roça, na carona de uma velha carroça ou no paiol prestes a cair, ouvi preciosas histórias sobre a difícil infância dos meus amáveis avós. Histórias essas que para mim são consideradas verdadeiras relíquias. A simples “arte” de parar tudo e sentar para escutar as histórias narradas é algo que até os dias atuais me causa enorme prazer e me torna uma pessoa melhor, no sentido de me fazer refletir e treinar a minha escuta, respeitar a fala do outro ou até mesmo o silêncio.

Quando havia decidido a temática do meu trabalho, a primeira questão que me inquietou foi o termo utilizado por uma das autoras estudadas para a realização deste trabalho: “velho”. Embora Bosi (1999) não utilize a expressão “velho” num sentido pejorativo, em uma linguagem coloquial, o adjetivo pode ter um teor inconveniente. A educação que recebi dos meus avós e da minha mãe não permitiria que eu utilizasse esse termo na minha escrita. Era algo que eu não conseguia administrar e, portanto, eu não conseguia nem pronunciar essa palavra. Em muitos momentos o termo “idoso” será abordado, maneira que achei mais apropriada para denominar este grupo específico da nossa sociedade. Também não gostaria de limitar nesta pesquisa o termo “idoso” à geração de pessoas em idade avançada ou à etapa da velhice, mas sim mostrar toda a potência que essa geração possui.

Ter presente na minha vida pessoal o convívio com idosos do interior de uma cidade e poder ter a honra de ouvir suas narrativas é uma eterna aprendizagem. Abordar esse tema, compartilhando tanta informação sobre um conceito que é fundamental no curso de Pedagogia-“infância”, acredito que é de extrema importância, tanto para mim, como para esses “contadores de histórias”, que poderão reviver e fazer com que continue vivo esse sentimento de infância.

Acredito que temos muito o que aprender com esses contadores de histórias e precisamos valorizar o que a vida já ensinou-lhes. Pelo tema escolhido envolver narrativas, optei por nomear aqueles que participarão desse trabalho de conclusão de curso de “contadores de histórias”. O termo vai ao encontro daquilo que considero umas das maiores artes, as narrativas sobre a infância num contexto rural. Há vários estilos de artes presentes no nosso universo: a arte de pintar, a arte de desenhar, de tocar algum instrumento musical, a arte de cantar, e também a arte de contar histórias, sejam elas reais ou fictícias. A mesma fruição que tenho ao observar uma obra de arte, tenho ao ouvir histórias narradas por pessoas idosas. Acredito que as narrativas podem ser um grande instrumento de aprendizagem.

Tenho fascínio por palavras, pela simplicidade dos momentos vividos ao lado de pessoas que possuem a generosidade de compartilhar suas histórias conosco. Ao serem rememoradas, as vivências de nossa infância podem trazer visões e percepções diferenciadas daquelas que passam a ser adotadas pelo universo adulto. Como já dizia Manoel de Barros:

Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade (BARROS, 2008, p. 67).

Buscando essa intimidade de um tempo vivido em outra época, este Trabalho de Conclusão de Curso parte do seguinte problema: quais as representações de infância presentes nas narrativas de idosos que residem na localidade de Boa Esperança Baixa/ Cruzeiro do Sul-RS?

Dessa forma, destaco como meu objetivo geral: analisar as representações de infância de idosos que residem na localidade de Boa Esperança Baixa/Cruzeiro do Sul-RS, a partir de narrativas biográficas.

Destaco também os objetivos específicos, a partir dos quais procurei aprofundar o objetivo geral: analisar as diferentes práticas de socialização; identificar o tempo e o espaço do brincar de uma determinada década e analisar de que modo os familiares compreendiam o processo de escolarização. Justifico a escolha do tema pesquisado, uma vez que considero ser de extrema importância pensar a infância para além do tempo atual. O principal intuito deste trabalho é compreender como a infância perpassa os corpos de diferentes maneiras. Para isso, trabalhei com um grupo específico, os chamados “contadores de histórias”.

Não tenho a pretensão de fazer com que este Trabalho de Conclusão de Curso tenha um caráter saudosista, muito menos comparar infâncias em diferentes épocas. Caso eu perguntasse para meu avô ou para minha prima de 10 anos, possivelmente ambos defenderiam que sua infância foi a melhor. Jamais poderemos comparar infâncias em tempos diferentes, nem mesmo na mesma época. Cada ser carrega seus valores e narrará a sua infância com particularidades e vivências pessoais que fizeram sentido no seu tempo, por mais árduas que possam ter sido.

Este estudo inicia-se com a apresentação da metodologia que aborda as narrativas biográficas, a partir de um viés qualitativo. Ressalto também que o foco do trabalho são as experiências dos meus contadores de histórias, nas quais os mesmos merecem principal destaque. Como ferramenta de pesquisa desenvolvi entrevistas semiestruturadas. Também neste capítulo, apresento os meus contadores de histórias, quem são, sua idade, e algumas características dos mesmos.

No capítulo seguinte, tenho como eixo norteador o conceito de memória. Debruço-me sobre a análise das formas como buscamos as lembranças do passado. Reflito ainda sobre o quanto podemos confiar na nossa memória, e o quanto esta pode nos trair. Para realizar esta discussão, utilizo-me dos autores Bosi (1999), Silva e Marchezin (2014) e Ohlweiler (2014).

Na sessão seguinte destino um capítulo às narrativas biográficas e ao conceito de experiência. Destaco a importância de trabalhar com narrativas na metodologia e a seriedade em não julgarmos qualquer colocação que nos for apresentada. Faço relações entre a ficção e a realidade dos fatos, o poder que uma escuta atenta possui e também a experiência que nos é proporcionada ao trabalhar com narrativas. Destaco a relevância das experiências sentidas e vividas. Para debater estes conceitos, me embaso nas teorias de Rinaldi (2012), Ohlweiler (2014), Faour (2009) e Gagnebin (2006).



Em seguida, apresento a abordagem do conceito de infância, para assim analisarmos como o sentimento de infância sofreu alterações no decorrer da história. Também destaco a infância como um período que não se finda, existindo assim, diversas representações de infância. Busco ainda ressaltar a importância que esse período da fase humana possui. Para tanto, usufruo das pesquisas de Ariès (2012), Kohan (2005; 2004), Franco (2002) e Bujes (2002). Optei por aproximar a teoria com algumas evidências que foram geradas no decorrer da pesquisa, ou seja, esse capítulo, além de teórico também é analítico. Percebi que seria necessário dividir o resultado dos meus objetivos específicos em subcapítulos, nos quais utilizo excertos das narrativas dos meus contadores de histórias

Por fim, apresento as considerações finais deste estudo. Descrevo que a prática de socialização apresenta-se de maneira inversa para os meus contadores de histórias. As mulheres contadoras defenderam o pai como sendo “bonzinho” e a mãe como a mais rígida do círculo familiar, ao contrário dos contadores homens. Também, narraram as brincadeiras com a presença dos primos e vizinhos. Apresento também o tempo e o espaço do brincar, onde percebi que o tempo para brincar era temporal, geralmente acontecia nos domingos, mas meus contadores deixam subentendido que o brincar se dava para além desse tempo. Em relação aos brinquedos, estes eram fabricados e meus contadores utilizavam-se especialmente do faz-de-conta para criarem suas brincadeiras e torná-las atrativas. Através das narrativas, também identifiquei que o processo de escolarização estava atrelado as dificuldades que os contadores de histórias encontravam para permanecerem na escola, bem como o medo da figura do professor. Destaco ainda a forma de ensino pela qual passaram estes contadores de história, na qual era impossível retomar os conteúdos aprendidos.

## 2 METODOLOGIA

A presente pesquisa aborda narrativas biográficas a partir de uma abordagem qualitativa. Segundo Minayo:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2002, p. 21-22).

Destaco que o foco do trabalho são as experiências/vivências dos “contadores de histórias”, sendo eles as peças principais deste estudo.

A ferramenta de pesquisa utilizada neste estudo foram as entrevistas. As entrevistas possibilitaram gerar as narrativas, ou seja, viabilizaram a produção das narrativas, que aqui poderíamos nomear como “resultado” do Trabalho de Conclusão de Curso. Para tanto, utilizei-me de algumas questões norteadoras (as mesmas encontram-se no APÊNDICE B).

A entrevista é definida por Haguette como uma

[...] coleta de dados sobre um determinado tema científico é a técnica mais utilizada no processo de trabalho de campo. Através dela os pesquisadores buscam obter informações, ou seja, coletar dados objetivos e subjetivos. Os dados objetivos podem ser obtidos também através de fontes secundárias tais como: censos, estatísticas, etc. Já os dados subjetivos só poderão ser obtidos através da entrevista, pois que, eles se relacionam com os valores, às atitudes e às opiniões dos sujeitos entrevistados (HAGUETTE, apud BONI; QUARESMA, 2005, p. 72).

Procurei não fazer perguntas que fugissem da realidade dos meus “contadores de histórias”. O que se tornou mais valioso foi o momento de interação entre pesquisador e entrevistado, uma vez que as narrativas com o método de entrevistas semiestruturadas permitiu me prolongar e captar as experiências mais emocionantes. Vali-me desse método, pelo fato de deixar o entrevistado mais a vontade para que assim pudesse resgatar fatos importantes da sua infância e compartilhar com o pesquisador. A história de vida,

[...] tem como ponto principal permitir que o informante retome sua vivência de forma retrospectiva. Muitas vezes durante a entrevista acontece a liberação de pensamentos reprimidos que chegam ao entrevistador em tom de confiança. Esses relatos fornecem um material extremamente rico para análise. Neles se encontram o reflexo da dimensão coletiva a partir da visão individual (BONI; QUARESMA, 2005, p. 73).

Ressalto também que a entrevista não teve um aspecto de conversa formal, muito pelo contrário. Busquei, nas visitas marcadas, proporcionar uma conversa mais espontânea, intervindo em caso de extrema necessidade, uma vez que o assunto seguia por um caminho mais extenso. Dessa forma, as entrevistas foram elaboradas de maneira semiestruturada buscando combinar,

[...] perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele. Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados (BONI; QUARESMA, 2005, p. 75, grifos do autor).

Os “contadores de histórias” eram moradores da localidade de Boa Esperança, interior do município de Cruzeiro do Sul-RS. Moradores estes que viveram sua infância naquela localidade e que ainda moram no mesmo local. Procurei fazer minha pesquisa no meio rural para poder mostrar um “outro lado”, diferente daquilo que estamos habituados a ouvir em músicas, notícias, ou seja, uma desnaturalização da representação do meio rural que muitas vezes é imposta. Horn (2010) é extremamente sensível quando diz:

[...] ao narrar o mundo a partir de um determinado ponto de vista, especialmente a partir da ótica dos “urbanos”, o rural é homogeneizado e colocado de forma inferiorizada. É como se todos que vivem no meio rural se vestissem com os mesmos trajes, gostassem das mesmas coisas, se divertissem da mesma maneira, preferissem pés descalços a um sapato confortável. Na maioria das vezes, essas representações não são questionadas, ao contrário, são naturalizadas e assumem um caráter de verdade. Estas convenções elaboram pontos de vista que são bastante difundidos e aceitos, o que dificulta a possibilidade de pensarmos de outras formas sobre o que é o rural, mais plurais, e, por consequência, modos de olhas mais amplos sobre os sujeitos que lá residem (HORN, 2010, p. 21-22).

Para este trabalho, pude contar com a participação de quatro contadores de histórias, destes, dois homens e duas mulheres. Para preservar a identidade dos meus contadores de histórias, solicitei que escolhessem um nome fictício para ser inserido no trabalho. Dos quatro participantes, três optaram por manter o nome original. São os contadores de histórias: Dulce, com seus 79 anos de idade, muito bem vividos como ela gosta de ressaltar; Maria Lúcia, também com 79 anos de idade, considera-se “bem vozinha” já; Elésio com 68 anos e muita disposição para trabalhar nos seus galinheiros e Chico com seus 77 anos de muita história para contar. Cada contador de história narrou sua infância por cerca de duas horas, duas horas e meia. Ressaltando, foram quatro contadores de histórias, nascidos nas décadas de 30 e 40, do século XX.

Utilizei-me da transcrição das entrevistas. O dialeto alemão foi usado por todos os contadores, uma vez que permiti, pois demonstravam estar à vontade para se comunicarem comigo, bem como me trouxe um grande desafio, traduzir e transcrever para o português. Em alguns momentos, deixei a palavra em alemão, quando esta se tornou repetitiva, demonstrando um caráter respeitoso com o entrevistado, mas sem perder a compreensão, uma vez que o próprio contador de história fez o detalhamento daquilo que estava querendo explicar.

Tinha previsto a possibilidade, em caso de necessidade, da realização de mais encontros com o mesmo entrevistado, pensando assim na disponibilidade de tempo que cada um possui, porém, isto não se fez necessário.

As entrevistas foram realizadas na casa dos contadores de histórias, e pelo fato da minha querida avó ter um contato mais próximo com essas pessoas, ela se dispôs em acompanhar todas as entrevistas. Ela foi a “ponte” para tornar esse momento de encontros agradável. O contato foi feito por mim, via telefone e como citado anteriormente, com a companhia da minha avó nas visitas, pela inserção que ela possui no contexto dessas pessoas.

Cruzeiro do Sul é um município que se destaca pelo cultivo de milho, arroz e aipim. Sua área rural é mais extensa que a área urbana. Na localidade de Boa Esperança, a maioria das famílias ainda tem como principal fonte de renda a agricultura. Poucos se aventuraram em ir morar na cidade, preferindo permanecer no local onde nasceram e se criaram. O dialeto alemão é bastante utilizado, uma vez que a maioria dos moradores se comunica através dele, seja em visitas aos vizinhos, festa da comunidade, ou até mesmo na missa de domingo.

Outro fator que me fez escolher o método de entrevistas semiestruturadas, que após sua realização foram transcritas, foi o público alvo entrevistado. Uma vez que conheço a realidade da localidade onde o dialeto alemão é muito presente, não tive nenhum problema em inserir participantes que não sabiam ou tinham dificuldade em se comunicar em língua portuguesa. Não optei pela entrevista descritiva, ou o uso de questionários, uma vez que procurei respeitar aqueles que pudessem ter dificuldades na ortografia, além de possibilitar uma narrativa fluída através da fala.

E não poderia deixar de citar o aspecto afetivo que essa entrevista aberta proporciona:

As técnicas de entrevista aberta e semi-estruturada também têm como vantagem a sua elasticidade quanto à duração, permitindo uma cobertura mais profunda sobre determinados assuntos. Além disso, a interação entre o entrevistador e o entrevistado favorece as respostas espontâneas. Elas também são possibilitadoras de uma abertura e proximidade maior entre entrevistador e entrevistado, o que permite ao entrevistador tocar em assuntos mais complexos e delicados, ou seja, quanto menos estruturada a entrevista maior será o favorecimento de uma troca mais afetiva entre as duas partes. Desse modo, estes tipos de entrevista colaboram muito na investigação dos aspectos afetivos e valorativos dos informantes que determinam significados pessoais de suas atitudes e comportamentos. As respostas espontâneas dos entrevistados e a maior liberdade que estes têm podem fazer surgir questões inesperadas ao entrevistador que poderão ser de grande utilidade em sua pesquisa (BONI; QUARESMA, 2005, p. 75).

Ao elaborar as entrevistas me preocupei em respeitar a subjetividade de cada sujeito, ou seja, que cada entrevistado tivesse valorizadas as suas especificidades, bem como deixei claro os meus objetivos. Para a realização destas entrevistas, entreguei previamente o Termo de Consentimento Informado e Esclarecido (o mesmo encontra-se no APÊNDICE A), no qual os participantes autorizaram o uso de suas narrativas a partir da assinatura. Boni e Quaresma, citando Goldenberg, destacam a importância da confiança:

[...] assinala que para se realizar uma entrevista bem sucedida é necessário criar uma atmosfera amistosa e de confiança, não discordar das opiniões do entrevistado, tentar ser o mais neutro possível. Acima de tudo, a confiança passada ao entrevistado é fundamental para o êxito no trabalho de campo (GOLDENBERG, apud BONI; QUARESMA, 2005, p. 78).

Não foi a minha pretensão utilizar a minha pesquisa de conclusão de curso como um fator de julgamento, bem pelo contrário, como já citado anteriormente, através das narrativas biográficas busquei oportunizar um momento potencializador para narrar e pensar sobre a infância que pode ser resgatada através da memória. Para tanto, permiti a livre expressão dos entrevistados, bem como o respeito pelo silêncio, quando este acontecia. Tive um cuidado ético com os sentimentos dos meus “contadores de histórias” para que assim eu pudesse alcançar os objetivos traçados.

É com imensa alegria que voltei para a localidade onde eu também nasci e me criei para dar voz àqueles que se dispuseram a viajar comigo nessa linda missão de reviver uma fase tão importante da nossa vida, a infância. E também para defender uma afirmação que Horn (2010) menciona na sua escrita:

O discurso entendido como uma prática que define e forma os objetos de que fala, as palavras que conferem significados às coisas. Percebo, assim, serem constituídos discursos que posicionam, que diferenciam, que nomeiam, por exemplo, o sujeito rural de “colono”, “cafona”, “ingênuo”, “atrasado”, criando concepções. Se a representação de rural está relacionada a um sujeito ignorante, que se veste mal, que é desatualizado, menos crítico; então, logo, aquilo que advém do meio rural, passa a ser considerado de “menor valor” por determinado grupo de sujeitos (HORN, 2010, p. 22-23).

Ainda, segundo Queluz e Cordeiro (1986):

Vivemos numa sociedade de consumo e, para o consumista, o que é velho não serve para mais nada, está ultrapassado, deve ser trocado. Mesmo que as coisas sejam resistentes e ainda funcionem bem, as pessoas sentem-se atraídas e desejam os modelos novos, “do ano”. O resultado é que olham desse modo também para os velhos. E, como estes não podem ser jogados fora ou trocados, acabam desrespeitados, discriminados, marginalizados. Principalmente porque os jovens imaginam que os velhos são inúteis e incapazes de produzir. Deixados de lado como personagens sem importância [...], os velhos sofrem. Nem sempre estão envelhecidos a ponto de ficar dependentes; mas, sem aceitação, afeto e apoio, carentes de companhia, vão se acabando, sem alegria, perdem a vontade de viver (QUELUZ; CORDEIRO, 1986, p. 67).

Penso que o meio rural merece um importante destaque para os estudos na área da educação, uma vez que ser “colono” para mim, sem o seu sentido pejorativo, tem grande valor e orgulho-me muito desse conceito. Quis, através desta pesquisa, narrar as tantas e tantas histórias que ensinam e que nos transmitem inúmeras experiências positivas e negativas, bem como desviar daquilo que estamos habituados a pensar, sem antes refletir.

Na perspectiva de uma pesquisa que permite e "dá a voz" a sujeitos sociais por vezes distantes do contexto acadêmico, encontro em Paulo Freire a definição potente do diálogo: “não há, [...] diálogo, se não há humildade. A pronúncia do mundo, com que os homens o recriam permanentemente, não pode ser um ato arrogante”. (FREIRE, 2005, p. 92). Eu preciso acreditar que o outro tem algo para me dizer, e às vezes os netos acham que ouvir seus avós é tempo perdido. Eu, enquanto pesquisadora, ao me dispor a ouvir, estou me colocando em um ato de humildade. Deixar meus contadores de história à vontade, fez parte da minha postura no sentido de ter procurado me manter atenta e sensível na escuta, bem como de permitir que eles falassem no dialeto alemão. Ou seja, o próprio fato de "falar a mesma língua", criou de certa forma a percepção da empatia que tenho com eles, de que eu os valorizo pelas suas histórias e pelo que tem a contar.

### **3TRAMA CONCEITUAL- CONCEITOS QUE ME ACOMPANHAM**

Nesse capítulo, me debrucei sobre os conceitos de memória, narrativas, experiência e ficção. Estes estão emaranhados, sendo difícil falar sobre cada um separadamente. Ao falarmos sobre memória, os demais conceitos inevitavelmente já estarão sendo mencionados nas entrelinhas, ou seja, são conceitos tramados, que de certa forma completam-se.

Esta escrita se dará entre rastros, pois não temos a certeza de um todo. Não conseguimos definir o que realmente é a memória, mas sim temos pistas, criamos hipóteses.

#### **3.1 Entre rastros: o conceito de memória**

Tendo como eixo norteador o conceito de memória, é preciso refletir a forma como buscamos as lembranças do passado. Será que nossa memória pode nos trair? Será que somos capazes de lembrar com exatidão experiências da infância? Recorremos a algum instrumento para nos facilitar recordar o passado?

Pensando-se na complexidade dessas perguntas e que ficam para indagações, surge o pensamento de Bosi, que afirma:



Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. [...] Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor (BOSI, 1999, p. 55).

É através desse acesso à informação que buscamos na memória que conseguimos relembrar experiências passadas. Mas nem sempre isso é sinal de que esta é fielmente confiável, no sentido de lembrarmos dos fatos da maneira exata como aconteceram, sem ajuda de nenhum instrumento. As narrativas apresentadas pelos contadores de histórias nos fazem refletir sobre quão difícil é lembrarmos de fatos passados com exatidão, podemos perceber através da fala da contadora Dulce e Maria Lúcia que narram a dificuldade de lembrar da infância como ela realmente foi. As duas contadoras de histórias apresentaram narrativas parecidas quando questionadas sobre momentos que marcaram a sua infância, conforme trecho destacado abaixo<sup>1</sup>:

*Jesus, lembrar da minha infância? Como vou contar? É que às vezes eu me esqueço como as coisas aconteceram mesmo. Pode contar o que a gente lembra só, o que eu nunca esqueci? (Dulce)*

Assim também Maria Lúcia dizia repetidas vezes a seguinte frase:

*A gente já não lembra mais muito bem. (Maria Lúcia)*

Como destaca Bosi (1999), tudo o que vivemos, a sensação que sentimos naquele momento é única. Podemos até lembrar fatos ocorridos, mas sim, nossas ideias mudam e talvez o modo de compreender uma passagem do passado seja diferente da nossa compreensão atual.

Sobre a memória, tomando em consideração algumas ideias do senso comum, são diversos os conceitos relativos à forma pela qual as pessoas recorrem às experiências passadas a fim de usar as informações que são tomadas como relevantes no presente. [...] Dessa forma, pode-se considerar que a memória é mais do que simplesmente a evocação de informações, mas um processo que envolve também aquisição, gravação, conservação e evocação [...] possuindo também a capacidade de modificar o comportamento em função de experiências anteriores [...] (GOMES, 2007, p. 4).

---

<sup>1</sup> Todas as narrativas dos contadores de histórias, sujeitos participantes, serão destacadas em itálico no decorrer no texto.

Pode-se perceber o quanto trabalhar com o conceito de memória nos remete a uma riqueza de informações, mas também a uma sensibilidade por parte de quem busca manter viva a memória do passado, mesmo precisando da ajuda de alguns instrumentos como imagens, fotografias, vídeos, escritos, ou até mesmo como acontece ainda nos dias de hoje e que é confirmado pelos meus avós: o cultivo de determinada flor, pois mantém viva a presença de alguém querido que já partiu e que apreciava muito aquela espécie.

Acredito que o idoso tem papel fundamental para pensar e problematizar o próprio conceito de infância, bem como ilustrar para as crianças de hoje o contexto histórico que já passou, uma vez que é ele quem vai contar fatos passados e enfatizar a história da família a qual pertence. As autoras Queluz e Cordeiro (1986) são extremamente felizes quando dizem que: “Os velhos têm naturalmente mais paciência e capacidade de aceitação. Compreendem, ouvem, possuem memória e tempo para conversar, sendo uma ótima convivência para a criança. Juntos, crianças e velhos podem evitar a solidão e a rejeição”. (QUELUZ; CORDEIRO, 1986, p. 69).

Para Maria Lúcia é muito importante as crianças de hoje ouvirem os mais velhos para saber e conhecer o passado dos seus avós.

*Os netos tinham que ouvir as nossas histórias, de como foi tudo difícil e como eles tem as coisas fáceis hoje, mas eles não querem ouvir, fazem de conta que isso nem existe. A gente, eu e meu marido, gostava tanto de contar pra eles como era quando a gente se conheceu e começou a “fazer” a nossa família. (Maria Lúcia)*

Elésio e Chico também acham importante seus netos ouvirem essas histórias e dão muito valor àqueles que param e ouvem, mas mencionam que são chamados de “mentirosos” porque as pessoas não acreditam que é tudo verdade o que eles tiveram que passar. Podemos observar através das narrativas o quanto esse fato está presente na vida dos dois.

*Olha, eu acho assim, importante pra eles é, só que eles acham que a gente é mentiroso. Porque, eles não acreditam que foi tão difícil. Isso hoje, eu já comi o pão que o diabo amassou. Era trabalhar, trabalhar, trabalhar. Meu corpo era um guincho. Isso, não tinha serviço que não dava pra fazer, era tudo braçal. Isso tinha que ir. Se a gente conta né, ah! (Elésio)*

*Isso, se eles param pra escutar, eles acham direto que isso é mentira. Eles diz, não, isso é pura mentira. O que a gente trabalhava, com oito, dez anos, barbaridade. (Chico)*

Chico narra a sua satisfação quando pode compartilhar momentos da sua infância:

*Eu fico feliz em poder contar umas coisas. E gente nota quando prestam atenção, se não tão escutando a gente, ou tão....ah, não! Daí já nem conto mais nada. Não tão prestando atenção e daí eu estou falando pra mim mesmo. O que a gente passou, óia, não foi bem assim, mas quando a gente pode contar isso pros netos e eles aprendem alguma coisa, a gente fica muito satisfeito. Às vezes de noite se eu não consigo dormir eu lembro daquela vida. Passa uma fita. (Chico)*

Conforme mencionam as autoras Zagaglia e Pereira

O idoso é imprescindível na vida de uma criança. Caso contrário, elas seriam membros numa sociedade sem passado, sem memória e sem compromissos, uma sociedade de pura competição que pode facilmente se autodestruir (ZAGAGLIA; PEREIRA, 2004, p. 183).

Conforme destaca Bosi (1999, p. 53), “a lembrança é a sobrevivência do passado”. Precisamos manter vivas as narrativas contadas pelos mais idosos sobre o passado, para que assim possamos compreender diversos acontecimentos relacionados não só à educação, mas sim de todo trajeto percorrido por esses seres e que de alguma forma influenciam quem somos hoje. Narrativas, tais como a origem da família, como eram as escolas, quais eram os meios de transportes, como eram feitos os contatos com parentes distantes, enfim, histórias do passado que ensinam e, sobretudo, emocionam. Ainda conforme Bosi

A criança recebe do passado não só os dados da história escrita; mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte da sua socialização. Sem estas haveria apenas uma competência abstrata para lidar com os dados do passado, mas não a memória (BOSI, 1999, p. 73).

Durante a minha infância, no interior do município de Cruzeiro do Sul, inúmeras foram as vezes nas quais os meus avós contavam-me sobre fatos vividos por eles no passado. Hoje, consigo perceber que o vocabulário utilizado por eles naquela época continua o mesmo, quando estes contam as mesmas narrativas para seus bisnetos. Não havia e não há uma preocupação com a forma de contar tais acontecimentos. Episódios tristes, dolorosos, perdas de entes queridos, castigos escolares, sacrifício de locomoção, dificuldade de encontrar matéria prima para confeccionar brinquedos, tempo raro para brincadeiras são narrados sem cortes, como se estivessem contando algo que no passado também lhes trouxe alegrias. Segundo Silva e Marchezin

A memória é [...] uma representação de experiências já acontecidas. Ela é, portanto, uma representação, uma reconstrução simbólica; ela não é a coisa em si, mas a coisa reconstruída por meio da linguagem. Ela sempre diz respeito a ações ou coisas ocorridas no passado. Assim, a memória é a reconstrução simbólica do passado. Outra dimensão fundamental é que a memória é sempre memória de alguém sobre alguma coisa. É uma relação simbólica feita por pessoas. A memória é memória de pessoas sobre suas experiências ou as dos seus antepassados. Quando a avó se senta para contar sobre sua infância para a neta, ela está reconstruindo suas experiências, organizando-as e conferindo a elas significados que sua neta possa compreender (SILVA; MARCHEZIN, 2014, p. 24).

O conceito de memória perpassa diversos aspectos, sejam eles culturais, políticos ou econômicos. Portanto, para não ser entregue e esquecida no tempo, a memória precisa ser compartilhada, como aponta Silva e Marchezin

Por sempre pertencer a alguém, a memória não existe fora do tempo: é uma relação ativa no presente sobre o passado. A memória não existe sozinha, mesmo quando toma forma de lembrança individual- se não for comunicada ou compartilhada de alguma forma, ela desaparece. Ou seja, a memória que não é socializada não existe por muito tempo, e toda memória – por mais individual que seja a experiência que ela representa – só ganha pleno sentido como memória ao se tornar coletiva. Portanto, é possível pensar que mesmo as memórias individuais são, em certa medida, parte da memória social de um determinado grupo (SILVA; MARCHEZIN, 2014, p. 24).

É preciso ficar claro que muitas memórias apresentadas no decorrer desse Trabalho de Conclusão de Curso foram interpretadas, uma vez que o silêncio pode deixar algo suposto nas entrelinhas. Assim como reinterpretemos dados aos marrá-los, eu, enquanto pesquisadora, inevitavelmente fiz seleções, cortes e também interpretei recordações obtidas, de forma a imprimir mais sentido a um ou outro dado, conforme a minha percepção.

A memória é sensível, por vezes cruel; indestrutível, por vezes abalável; eterna, por vezes passageira; persistente, por vezes temporária; duradoura, por vezes fugitiva; e estável, por vezes instável.

Diante de tudo isso uma dúvida me inquieta: é a memória que nos trai ou somos nós que traímos a nós mesmos? Por vezes, temos o desejo de confiar na nossa memória, noutras inventamos mentiras e acreditamos nelas próprias. Ou seja, mentimos para nós mesmos.

Você nunca se deparou com algo que tivesse imensamente o desejo de lembrar e que não tinha mais a convicção de sua certeza? Seja algo que aconteceu em um dia da semana ou algum acontecimento importante: a hora em que chegou numa cidade desejada, a cor de uma roupa que usava numa ocasião importante. Será que era quarta? Ou era na quinta mesmo? Será que era preto, ou era vermelho? Será que chegamos em Maceió ao anoitecer ou de madrugada? Enfim, inúmeras situações das quais não temos mais a certeza dos detalhes e que nos desacomodam em certos momentos. Isso significa que, muitas vezes, a nossa memória nos trai, mas continuamos fiéis e acreditando nela durante muito tempo. Traímos amizades, relacionamentos e também somos traídos pela nossa própria memória. Ohlweiler (2014) traz em seus estudos alguns autores que também problematizam essa transição da memória, ora confiável, ora não:

Como afirma Finocchio (2005), a narrativa permite um discurso mais ligado à vida, às vivências, à experiência, além de abrigar com naturalidade pensamentos, sentimentos e desejos. Por isso, compartilho do incômodo de Huyssen (2000) em relação à cisão entre memória real e virtual; afinal, “qualquer coisa recordada - pela memória vivida ou imaginada – é virtual por sua própria natureza. A memória é sempre transitória, notoriamente não confiável e passível de esquecimento; em suma, ela é humana e social (OHLWEILER, 2014, p.37).

A contadora de histórias Maria Lúcia questionou sobre a sua certeza durante a entrevista:

*Era assim né? Acho que não estou enganada! (Maria Lúcia)*

E é em virtude exatamente da ampla gama de armazenamento de informações daquilo que vivemos, que podemos analisar a memória sob diferentes aspectos. Sendo a memória capaz de abrigar sentimentos, negativos ou positivos de alguns fatos, nesse momento ela já pode nos trair. Seja num momento de raiva ou de extrema felicidade, ela pode fazer com que as narrativas tenham uma outra finalidade. Nesse sentido, um fato acontecido é denominado real, mas no instante seguinte ao que ele aconteceu, torna-se virtual. Diferentemente do sentido que estamos habituados a relacionar o virtual, o universo tecnológico, nossa memória trabalha com virtual pelo fato de não conseguir reviver o acontecido de maneira concreta. Durante o meu trabalho, tive que lidar muito com essas memórias virtuais, ou seja, com a memória recordada.

## 4 NARRATIVAS BIOGRÁFICAS E A EXPERIÊNCIA

Narrativa é um gênero literário que tem como principal característica a contação de um fato, seja ele real ou imaginário. As narrativas podem ter como foco um sujeito que está disposto a ser informado sobre algo, entreter, e também aprender. Mas podem se dar sem foco algum, pelo simples prazer de narrar. Neste estudo, através de narrativas, dessa escuta atenta, há um desejo. Rinaldi salienta que

Por trás do ato de *escuta* existe normalmente uma curiosidade, um desejo, uma dúvida, um interesse; há sempre alguma emoção. Escuta é emoção; é um ato originado por emoções e que estimula emoções. As emoções dos outros nos influenciam por meio de processos fortes, diretos, não mediados e intrínsecos à interação entre sujeitos comunicantes. Escutar como forma de aceitar de bom grado e estar aberto às diferenças, reconhecendo o valor do ponto de vista e da interpretação dos outros (RINALDI, 2012, p. 124).

As narrativas são utilizadas desde os primórdios, e um dos maiores exemplos de narrativas encontram-se na Bíblia, documento este que contém inúmeras histórias sobre o tempo passado. Podemos destacar, também, que as histórias das famílias são belas narrativas contadas pelos patriarcas e matriarcas. Há sempre um narrador por trás de toda história narrada, ou seja, aquela pessoa que está contando o fato. Como enfatiza Paiva

Muitos são os significados de narrativa que circulam entre nós: uma história; algo contado ou recontado; um relato de um evento real ou fictício; um relato de uma série de eventos conectados em sequência; um relato de acontecimentos; uma sequência de eventos passados; uma série de eventos lógicos e cronológicos, etc. as narrativas circulam em textos orais, escritos e visuais e têm sido amplamente investigadas na área da Linguística Aplicada (PAIVA, 2008, p.1).

Trabalhar com narrativas na metodologia significa ter como principal parâmetro a coleta de dados através de histórias vividas, mas para muito além disso, primeiramente, quando se pensa em trabalhar com essa metodologia, é preciso o pesquisador estar preparado, pois diante de nós estará alguém para narrar as suas vivências e não nos cabe julgar qualquer colocação apresentada. Como destacam Muylaert *et al*,

As narrativas, [...], são consideradas representações ou interpretações do mundo e, portanto, não estão abertas a comprovação e não podem ser julgadas como verdadeiras ou falsas, pois expressam a verdade de um ponto de vista em determinado tempo, espaço e contexto sóciohistórico (MUYLAERT *et al*, 2015, p. 195).

Seixas afirma que:

Não é de nosso interesse confirmar ou atestar o veredito das informações que nos forem concedidas, mas de fazer lembrar e permitir a ficção e a criação; permitir que a subjetividade do sujeito aflore, que vá além do que aconteceu, porque o que aconteceu nunca foi, sempre *é, está sendo*; e a “memória constrói muito mais o real do que o resgata” (SEIXAS, apud OHLWEILER, 2014, p. 51, grifos do autor).

É preciso então ter esclarecido que narrativas são o hábito de contar histórias. O elemento que merece destaque nas narrativas é o narrador, ou seja, é o personagem principal da nossa pesquisa, e é através desse narrador que temos nas experiências algo incalculável, que é da ordem do discurso, mas também da ordem da emoção, do que mais marcou os “contadores de histórias” em suas vidas. Como afirmam Muylaert *et al*

[...] a possibilidade de narrar o vivido ou passar ao outro sua experiência de vida, torna a vivência que é finita, infinita. Graças a existência da linguagem a narrativa pode se enraizar no outro. Sendo assim, a narrativa é fundamental para a construção da noção do coletivo (Muylaert *et al*, 2015, p. 194).

É comum nas narrativas termos relatos baseados em ficção, nos quais acrescentamos elementos. Nesse sentido, reproduzo aqui a definição dada pela minha avó, em uma conversa recente que tive com ela, a qual disse-me que a forma como contamos algo hoje será diferente se contarmos o mesmo fato no dia seguinte. Por mais que imaginamos narrar o real, construímos sobre ele ao narrar, então mesmo o “mais verdadeiro, real e verídico” estará sempre imbuído de ficção. As narrativas baseadas na ficção levam em conta a capacidade de imaginação do narrador, da capacidade de criar, mesmo que involuntariamente. Assim, poderíamos chamar de relatos semirrealistas aqueles em que o narrador conta uma história baseada em fatos reais, mas que ao longo da narrativa acrescenta elementos imaginários.

Ao interagir com narradores, é importante não “[...] distinguir realidade e ficção e [...] permitir que as pessoas entrevistadas ‘ficcione’, porque afinal, ficcionamos o real e procuramos tornar reais algumas ficções.” (OHLWEILER, 2014, p. 117). Nesse sentido, a memória parte de uma ficção, pois ao narrarmos um fato que não lembramos com exatidão, o ficcionamos para que o ouvinte permaneça atento à história e acredite fielmente nela. E, de fato, neste Trabalho de Conclusão de Curso não saberemos, e também nem é essa a nossa intenção, quais fatos narrados são reais e quais são fictícios. Ohlweiler (2014) cita um documentário brasileiro no qual o diretor utiliza-se de fatos reais e fictícios, deixando o telespectador extremamente confuso:

Um bom propulsor para pensar o jogo entre realidade e ficção, ou, entre real e fictício, é o documentário de Eduardo Coutinho, *Jogo de Cena*, no qual o diretor brasileiro convida mulheres (atrizes e não-atrizes) e faz com que estas narrem histórias. O espectador fica numa situação de adivinhação ao perceber que as histórias se repetem na voz de atrizes e não-atrizes, e passa a se questionar se aquela que narra realmente viveu ou não aquilo que conta. A emoção transmitida por vezes é mais forte na interpretação das atrizes, e aí ficam as dúvidas, de quem seriam as histórias e quem seria aquela que narra *de verdade* ou somente está interpretando (OHLWEILER, 2014, p. 117, grifos do autor).

Durante o trabalho de campo, realizado com narrativas, também me deparei com histórias cujo teor de verdade pode ser questionável, mas a mim, enquanto pesquisadora, coube o papel de aceitar as ficções e mais do que isso, compreender o quanto estas fazem parte do próprio processo de relembrar.

Narrar é uma forma de comunicação. Narramos outras pessoas como também podemos narrar algo sobre nós mesmos. Wittizorecki et al (2006, p. 10) diz que “Não há experiência humana que não possa ser expressa na forma de uma narrativa.” (BAUER; JOVCHELOVITCH, 2002)

De alguma forma narramos. Narramos fatos, feitos, fenômenos. Narramos experiências, sentimentos, outras pessoas e nos narramos. Vale dizer que os textos científicos também se constituem, de forma elaborada, coesa e parametrizada, em narrativas: narram descobertas, compreensões, interpretações, recomendações. Portanto, narrar é dimensão fundamental de comunicação humana e de atribuição de significados ao mundo.



Por estar relacionada a tantas facetas é que a narrativa me encanta. Me encanta pela capacidade que tem de emocionar, de imaginar, de viajar, de sentir a dor ou a alegria de momentos narrados por outrem, me encanta pela capacidade de dedicarmos o nosso tempo, que consideramos precioso, para ouvir, como enfatiza Rinaldi (2012, p. 124): “[...] ouvir não somente com as orelhas, mas com todos os sentidos (visão, tato, olfato, paladar, audição e também direção)”. Podemos observar a fala da contadora de história Dulce quando questionou a mim a importância que dou sobre a sua narrativa:

*Mas me diz, você está interessada mesmo em saber todas as histórias da minha infância? Ninguém nunca me pediu isso. A gente tem que lembrar tudo pra contar né? Sou velha, mas alguma coisa ainda lembro. (Dulce)*

Ainda conforme Rinaldi

*A escuta não é fácil. Exige uma profunda consciência e suspensão de nossos julgamentos e, acima de tudo, de nossos preconceitos; demanda abertura à mudança. Requer que tenhamos claro em nossa mente o valor do desconhecido e que sejamos capazes de superar a sensação de vazio e precariedade que experimentamos sempre que nossas certezas são questionadas (RINALDI, 2012, p. 125, grifos do autor).*

Pensando ainda sobre a escuta atenta, Faour ressalta a diferença entre escutar e ouvir:

*Escutar é mais que ouvir. É mais do que estar parada em frente a alguém, dividindo o mesmo metro quadrado. Escuta-se com todas as células do corpo. Escuta-se com as mãos, com os olhos, com a respiração, escuta-se, inclusive, com os ouvidos. Uma postura escuta, um gesto escuta, a boca escuta. Há que se deixar apagar e se concentrar no outro. Há também que se eliminar quaisquer ruídos de interferência – como pensamentos que voam, telefones que tocam, vaidades que afloram, vontade de ir ao banheiro. Muitos dizem que a fala distingue o ser humano dos outros animais. Discordo. Saber escutar é o que nos dá humanidade. Mas escutar não é o que se vê por aí. O que se vê por aí é uma distorção. Algo parecido com um duelo. Uma pessoa fala, logo depois a outra retruca, contando uma experiência muito melhor ou bem pior. Isso é uma relação de falsa solidariedade. Isso não é escutar. É outra coisa que não sei o nome. Escutar é ceder. É um ato de generosidade (FAOUR, 2009, p. 123).*

Quando decidi trabalhar com narrativas biográficas, tive claro que ao fazê-las nada poderia tirar o meu foco. Estaria ali para ouvir, ouvir de todo coração, não somente com o ouvido, sem me preocupar com outros assuntos que não fossem as histórias narradas pelos meus “contadores de histórias”. Estaria ali doando, ofertando o meu tempo para que os participantes do meu Trabalho de Conclusão de Curso pudessem contar suas experiências. De fato, coloquei-me a disposição para ouvir e também respeitar o silêncio dos participantes, uma vez que o silêncio também fala. “Poucos sabem a importância de um silêncio bem colocado” (FAOUR, 2009, p. 19).

É preciso saber ouvir, para também ser escutado. Corroboro com Faour

Sou, por opção, toda ouvidos, como se diz popularmente. E olhos também, que um olhar de permissão e de “fique à vontade” cai muito bem nessas ocasiões. Nas ocasiões de encontros, quero dizer. Inspira confiança e credibilidade. Duas qualidades fundamentais (FAOUR, 2009, p. 78).

A referida autora ainda utiliza-se de uma frase um tanto quanto direta e dura, mas que considero muito importante, por isso trago-a para refletir:

Tenho aflição quando alguém fala e não recebe a atenção que merece. Se alguém tem o trabalho de abrir a boca, articular um pensamento e emitir um som – a fala é uma das atividades mais complexas para o cérebro humano – é por necessidade. Se alguém se dá o trabalho de falar, o mínimo que temos a fazer é ... escutar (FAOUR, 2009, p. 23).

As crianças ainda tendem a ser mais capturadas pela contação de histórias de vida, sobretudo pelas práticas que se dão no contexto escolar. Acabam tornando-se boas ouvintes, talvez por já estarem mais habituadas à própria prática de contação de histórias.

Essa capacidade de escutar e de alimentar expectativas recíprocas, que possibilita a comunicação e o diálogo, é uma qualidade da mente e da inteligência, particularmente na criança pequena. É uma qualidade que requer compreensão e apoio. No sentido metafórico, as crianças são as maiores ouvintes da realidade que as cerca. Elas possuem o tempo de escutar, que não é apenas o tempo *para* escutar, mas o tempo rarefeito, curioso, suspenso, generoso- um tempo cheio de espera e expectativa. As crianças escutam a vida todas as suas formas e cores, e escutam os outros (adultos e colegas). Elas logo percebem que o ato de escutar (observando, mas também tocando, cheirando, sentindo o gosto, pesquisando) é essencial para a comunicação. As crianças são biologicamente predispostas a se comunicar, a existir em relação, a viver em relação (RINALDI, 2012, p. 126-127, grifos do autor).

Procurei, enquanto pesquisadora, me imbuir desse “tempo curioso e generoso” das crianças, no sentido do tempo que deixa acontecer, e que procurou deixar a fala fluir para entrar num ouvido sedento de histórias.

Santos e Garms ressaltam a significação das narrativas:

Narrativas, orais e escritas, têm sido utilizadas na história humana como recurso educativo e se constituem em instrumento cultural com grande potencial de organização do pensamento e da realidade na estruturação de aprendizagens. Em geral, relatam o desenvolvimento de uma situação provocada pela vivência de tensões e conflitos, reais ou imaginários, e a forma como eles são resolvidos. As experiências narradas pelos outros são significativas na compreensão da realidade, pois o ouvinte\leitor experimenta, simultaneamente com um certo distanciamento emocional e com uma certa proximidade, uma identificação com a história relatada (SANTOS; GARMS, 2014, p. 7-8).

Quando pensamos em analisar os dados coletados, que aqui tratam-se de histórias narradas, diversas são as possibilidades de o fazermos. Primeiramente é preciso estar disposto a interagir com o participante da pesquisa, no caso, os “contadores de histórias”, e interpretar, como apontam Muylaert *et al*

[...] para obter bons resultados o pesquisador deve ter uma grande capacidade de interação com o outro, uma disponibilidade psicológica para ouvir e habilidades de escrever as experiências analisadas (MUYLAERT *et al*, 2015, p. 196):

Corroboro com Muylaert *et al*, para quem

A interpretação de narrativas ainda representa um desafio aos pesquisadores que podem seguir diferentes técnicas ou métodos. Ao mesmo tempo em que o domínio de técnicas específicas é exigido, não há intenção de esgotar as possibilidades de análises, mas sim de realizar uma análise no sentido de abrir os sentidos (MUYLAERT *et al*, 2015, p. 196),

Quando o trabalho com narrativas se faz presente, é importante que o pesquisador esteja preparado para um trabalho minucioso, no qual ele irá analisar os fatos e transcrever os dados. Como citado acima, diversas são as possibilidades de analisar os dados coletados, e não podemos simplesmente descrever o relato, mas sim, debruçar-se sobre cada detalhe e jamais findar uma possibilidade de “fazer tocar” o leitor do trabalho. Segundo Souza

Outra questão importante é indicar como concebemos o papel do pesquisador no processo de recolha das fontes e elaboração do conhecimento. Não concordamos com as posições que reduzem o papel do pesquisador à mera descrição, argumentando que toda interpretação implica traição à essência do discurso do outro. O papel do pesquisador não pode limitar-se a tomar notas, pois a sua tarefa é a escuta sensível na qual percebe os componentes e dimensões relevantes na vida dos sujeitos que lancem luz sobre as problemáticas construídas (SOUZA, 2007, p. 67-68).

Destaco que, nesse Trabalho de Conclusão de Curso, abordarei as narrativas biográficas. Biografia quer dizer a história contada sobre a vida de uma pessoa com detalhes de datas e acontecimentos e que também pode conter relatos que comprovem os fatos que aconteceram. Já autobiografia é também um gênero literário, no qual uma pessoa narra sua história de vida, abordando os principais acontecimentos. Ou seja, é uma biografia que pode ser escrita ou narrada pelo próprio autor. Conforme destaca Abrahão (2003, p. 80), trabalha-se “[...] antes com emoções e intuições do que com dados exatos e acabados; com subjetividades, portanto, antes do que com o objetivo”. Ou seja, trabalhar com narrativas exige uma atenção àquilo que é da ordem do subjetivo, àquilo que é singular e particular de cada entrevistado.

O pesquisador, trabalhando com narrativas biográficas, valoriza o processo das histórias contadas, mais do que o resultado final, que talvez não será aquele que ele deseja. Gussi (2008) destaca a importância da aprendizagem através do narrado:

A intersubjetividade possibilita ampliar, analiticamente, a discussão sobre a experiência e a aprendizagem. A dimensão autobiográfica da experiência de pesquisa e de produção de conhecimento, entendida como resultado do encontro com os sujeitos, permite que o pesquisador aprenda com eles, com suas experiências vividas e narradas. Assim, o processo de aprendizagem se dá entre o vivido, o narrado e, finalmente, pelo que é compreendido na dimensão intersubjetiva construída na experiência dialógica entre os sujeitos e o pesquisador (GUSSI, 2008, p. 14).

Nesse sentido, trabalhar com narrativas biográficas envolve experiência. Quando olho para o passado, mais exatamente para a minha infância, lembro-me de fatos que me tocaram, me envolveram, que provocaram uma experiência, pois estava ali, presente, para que assim ela acontecesse. Ou seja, narrativas produzem experiências. Experiência essa que nem sempre é positiva. Quantas experiências negativas a forma de viver pode produzir hoje? Mas produzem, seja positiva ou negativamente. E posso dizer que muitas experiências negativas marcam e ensinam, tanto como as positivas.

Pensando nisso trago os relatos dos contadores de histórias, a partir dos quais podemos observar que ambos possuem a mesma ideia das experiências que não são fáceis, mas que ensinam:

*Aqui na Boa Esperança era bonito sempre de viver, a gente tinha a vida difícil, mas quando a gente era criança era tudo simples. Era dura a nossa vida na verdade, a gente não era criança como se é hoje. Mas acho que nós vivemos a vida mais difícil mas isso ensinou muito a gente também. Às vezes as coisas ruins servem pra ensinar alguma coisa pra gente. (Dulce)*

*Vocês não sabem nada, Meu Deus. Hoje é muito, muito diferente. Hoje eles nascem e já tem tudo. No nosso tempo, nós não tinha nada. A gente precisa dizer o que é. Nós vivia como podia, sorte que tinha a plantação, mas sabe guria, nós era mais feliz. Não sei, era tanta dificuldade, tanta dificuldade, mas nós sempre tinha o pai e a mãe ali, e isso valia muito. Talvez mais do que se nós tivesse tudo que se tem hoje em dia. (Maria Lúcia)*

*E sabe, querendo ou não essas histórias tristes do nosso tempo de guri, podiam ensinar alguma coisa pra criançada de hoje. Pensa, o quanto eles podiam aprender com as coisas que nós passamos. (Chico)*

*Nós fizemos a roça, puxava 15000 metros de eucalipto, sozinho. Eu ia pro mato com meus boi, minha carroça e lá ficava. Puxava por dia 50, 55 metros. E se tu vai contar isso, isso ninguém acredita. Tu vai dizer que era forte. Eu conta as histórias pra neta, elas acham que esse veio tá mentindo. Mas não é, a gente fez isso tudo. Carregar torra hoje em dia, isso ninguém mais faz, mandam fazer. Na realidade nem boi mais podem fazer isso hoje. Mas acho que isso são ensinamentos pras netas também. Coisas que a gente viveu e que elas podem aprender alguma coisa. (Elésio)*

Elésio relata um fato de quando seu filho era criança e o quanto pode aprender com as experiências da sua época de “Filho”:

*Acho que hoje educa sem bater. Eu na realidade, eduquei meu filho, e bati ele uma vez só. Um dia desses, não sei mais o que ele tinha feito, mas tava preparado pra chover, e a mãe de briga com ele lá e jogou as coisas dele na rua. Daí ele tava lá na rua chorando, tava abandonado, né. Daí fui lá, peguei brita e mandei ele ajoelhar na brita. 15 min. E daí eu fui tomar banho, quando voltei ele perguntou: Oh pai, já passou os 15 min? Mais 10 min eu disse. E se tu perguntar de novo, mais 10 min. Mas daí não deixei ele lá os 15 min, começou a chover. Disse pra ele tomar banho, mas escuta, isso foi o melhor remédio pra ele. Doeu mais que uma surra. Ele sentiu mais, isso ele conta hoje ainda. A gente aprendeu com a nossa infância que apanhar dói, mas não acredito que educamos sem castigo também. Tem essas experiências que a gente vai adquirindo no decorrer da vida que podemos passar para os filhos. (Elésio)*

Reforçando essa ideia de experiência e das diferentes formas de acontecer, trago Gagnebin (2006) e o relato sobre a lenda do vinhateiro:

[...] que, no seu leito de morte, confia a seus filhos que um tesouro está escondido no solo do vinhedo. Os filhos cavam, cavam, mas não encontram nada. Em compensação, quando chega o outono, suas vindimas se tornam as mais abundantes da região. Os filhos então reconhecem que o pai não lhes legou nenhum tesouro, mas sim uma preciosa experiência, e que sua riqueza lhes advém dessa experiência (GAGNEBIN, 2006, p. 42).

Uma lenda marcada pela tradição de palavras e conselhos trocados entre pais e filhos e que nos mostra o quanto uma experiência pode ter infinitas possibilidades de acontecer. Uma experiência que se dá por meio dos sentidos, da afetividade. Experiência que o pai, um velho vinhateiro, tenta transmitir aos seus filhos, e estes o escutam:

Pode-se, naturalmente, interpretar esta fábula como a ilustração da nobreza do trabalho e do esforço. Benjamin, entretanto, não a usa para fins moralizantes. É a encenação da história que lhe interessa. Não é o conteúdo da mensagem paterna que importa; aliás, o pai promete um tesouro inexistente e prega uma peça a seus filhos para convencê-los. O que importa é que o pai fala do seu leito de morte e é ouvido, que os filhos respondem a uma palavra transmitida nesse limiar, e reconhecem, em seus atos, que algo passa de geração para geração; algo maior que as pequenas experiências individuais particulares (Erlebnisse), maior que a simples existência individual do pai, um pobre vinhateiro, porém, que é transmitido por ele; [...] (GAGNEBIN, 2006, p. 42).

É através das experiências vividas e sentidas que nos tornamos quem somos hoje, como ressalta Azevedo

Experiência e memória têm uma relação de complementariedade, já que é preciso rememorar para narrar e ao narrar talvez reviver o acontecido, não só para melhor compreender a situação vivenciada, mas para perceber o que com ela aprendemos e como ela nos transformou no que somos hoje (AZEVEDO, 2013, p. 43).

Concluo este capítulo com as palavras de França (2013), que ressalta as marcas pessoais dos sujeitos em relação aos acontecimentos, estes que o significam e ressignificam:

O sujeito da experiência é constituído por acontecimentos. Acontecimentos que o marcam, o tiram do lugar, levam para fora de si mesmo, trazendo ressignificações, de tal forma que o sujeito após a experiência não é o mesmo de antes dela (FRANÇA, 2013, p. 62).

Ou seja, acontecimentos que trazem novos significados, que nos causam uma experiência, esta tem como resultado um novo sujeito.

## **5 INFÂNCIAS: CAMINHOS DE COMPOSIÇÃO**

Ao refletirmos sobre o que é infância, inúmeras são as respostas possíveis. Algumas questões que poderiam vir ao encontro deste conceito são inocência, pureza, magia, brincar, novidades, fantasia, criações, combinações e outras inúmeras situações que fazem parte desse universo infantil. Infância como um período de liberdade, na qual as brincadeiras se fazem presentes, é o período da vida humana onde se iniciam as descobertas. Segundo o Artigo 2º. do Estatuto da Criança e do Adolescente, “Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade” (BRASIL, 2015, p.11).

Pelas condições precárias da época, a dependência econômica entre pais e filhos era muito forte. Os filhos que moravam sob o mesmo teto deviam satisfação aos seus pais e muitas vezes precisavam entregar o dinheiro que ganhavam, fruto do trabalho braçal que estes exerciam. Era uma espécie de hierarquia. Os pais mandavam, os filhos obedeciam. Essa obediência era inquestionável.

Os registros históricos nos permitem perceber que nem sempre o conceito de infância foi compreendido como um sentimento da vida e no decorrer dos últimos séculos o mesmo sofreu algumas alterações. O historiador Ariès (2012) foi o pesquisador pioneiro no que se refere aos estudos sobre a constituição e evolução do sentimento de infância no período medieval e moderno. Conforme destaca Bujes

Ariès (1981), na condição de pioneiro, teve o mérito de inaugurar uma nova compreensão acerca do fenômeno da infância, situando-o como um acontecimento caracteristicamente moderno. Em que pesem as críticas que lhe são feitas, especialmente aquelas que contestam esta condição de pioneirismo- já havia histórias da infância escritas no século XIX-, é ele que vem apontar para o fato de que é por volta do século XVI que começa a se instituir um modo novo de significar as crianças, um novo regime discursivo sobre a infância (BUJES, 2002, p. 31).

Em sua obra “História Social da Criança e da Família”, Ariès (2012) descreve as evoluções históricas que o sentimento de infância sofreu. Segundo ele, na Época Medieval, não existia o sentimento de infância, sendo que esta era um período relativamente curto. A criança era um ser insignificante, sem qualquer autonomia e nem mesmo a morte desses pequeninos causavam comoção. Kohan (2005), ao estudar a obra de Ariès, ressalta que

[...] nas sociedades europeias, durante a época medieval, não havia um sentimento ou consciência de “infância”. Nessas sociedades, o que chamamos de infância estava limitado a esse período relativamente curto, mais frágil da vida, em que uma pessoa ainda não pode satisfazer por si mesma suas necessidades básicas (KOHAN, 2005, p. 63-64).

Ariès (2012) relata que as crianças eram vistas como mini adultos, e que somente o tamanho distinguia uma fase da outra. Segundo o autor, não se acreditava na inocência da infância. As brincadeiras relacionadas a sexo eram consideradas normais entre adultos e crianças.

Os “contadores de histórias”, em vários momentos demonstraram o quanto rompiam com algumas regras sociais quando narram as suas transgressões, o que vai de encontro à pureza da infância constituída no período da modernidade.

*Meu irmão uma vez chamou nós para fumar escondido e a mãe viu, daí apanhamos bastante. Levamos um laço. Também a gente ia tomar banho nos arroios sem avisar a mãe, era errado né? Mas a gente não tinha muita coisa pra fazer. Ah, lembrei que nós chamávamos os primos e dizíamos para tomar chimarrão, colocávamos açúcar de monte na cuia e eles morriam de dor de barriga. Era feio fazer isso, mas nós éramos crianças. (Maria Lúcia)*

*Uma vez, um irmão foi buscar o balde de água lá para tomar banho, daí ele estava voltando e nós derrubamos toda água que ele tinha ido buscar. Que feio, né? Coitado, foi longe e nós fizemos mal criação. (Dulce)*



Elésio também nos conta que a “arte”, expressão utilizada por ele mesmo para representar travessuras infantis, não faltava no seu tempo. Relata que incomodavam muito. Já para Chico, a “arte”, ou o ser “arteiro” se resumia em conversar na escola e caçar passarinho, como ele mesmo conta:

*Olha, brincava um tanto na aula e tal... caçava passarinho, levava o bodoque junto na mochila, na aula. Voltava às vezes uma, uma e meia de tarde pra casa. Então, caçava passarinho, colhia fruta lá no mato.*  
(Chico)

Apesar desses fatos relatados não estarem relacionados com a pureza ou a inocência de uma criança, no sentido do que os adultos esperavam das crianças, como uma construção histórica sobre o sujeito infantil, os contadores de histórias relatam estas brincadeiras como algo que não mereça elogios.

Àries (2012) destaca que quando as crianças demonstravam que poderiam ser independentes, eram inseridas no universo adulto. Podemos fazer uma breve reflexão em relação ao período em que os contadores de histórias viveram a sua infância. Estamos falando em alguns séculos após o período definido por Ariès como o surgimento do sentimento da infância, porém a relação entre dependência infantil e trabalho se mantiveram, pelo menos nas classes mais desfavorecidas economicamente. O que fazia, por exemplo, com que as mulheres entrevistadas fossem pertencentes ao universo adulto? Era conseguir trabalhar quase tal como um adulto? Porém, elas ainda eram vistas como crianças, pois em certos momentos não poderiam fazer parte da roda de conversa. Havia essa inserção no mundo adulto? Sim, somente pelo trabalho. Mas, parecia estar definido o que era somente dos adultos e aquilo que era das crianças, ou seja, uma não participação das crianças em determinados contextos.

Ao mesmo tempo que se era criança, também se era adulto, mas somente para algumas coisas. Ou seja, se era criança, mas se trabalhava como adulto, ao mesmo tempo que trabalhava como adulto, mas não podia ouvir as conversas. As narrativas dos contadores de histórias demonstram essa situação:

*Quando ganhava visita a gente não podia ficar junto. Nós já sabia que tinha que sair. A mãe só olhava pra gente e nós já sabia o que ela queria dizer pra nós. Daí nós fomos brincar na nossa casinha! Aiiiii, daí nós “tava faceiro”. A conversa dos mais velho, tu não podia escutar. Isso era respeito. Não sei se era respeito ou burrice. As duas eu acho! Porque a gente “tava” grande e não sabia nada. Os pai não “explicava tudo, tudo” como é hoje. Isto era muito diferente. Tinha coisas que nós meninas aprendia com as primas. (Dulce)*

*A gente já não lembra mais muito bem. Quando as mulheres falavam alguma coisa errada, a gente não podia escutar...isto foi tudo errado né? Isto foi tudo, tudo errado. Porque hoje as criança podem ficar e sabem tudo logo. A mãe sentava com as visitas e nós tínhamos que sair, nós já sabíamos disso, a mãe nem precisava mandar, mas às vezes nós ouvíamos. (Maria Lúcia)*

Para Elésio e Chico, a situação não era diferente. Participar das rodas de conversa com as visitas? Nem pensar, era extremamente proibido.

*Ah, isso nós ganhava visita mas não podia ouvir a conversa dos mais velhos. Isso não era permitido. Eles mandavam as criança brincar, e os velhos naquela época escutavam o que eles estavam falando para as crianças não ouvirem. Hoje nós nem queremos saber né, se as crianças estão junto. Hoje, a tv, ela não tem mais censura. Então como os pais vão ter censura? Naquele tempo tinha censura. (Elésio)*

*O pai dizia: Vão brincar lá fora. Ou achava um servicinho. Vão fazer isso, isso, isso. Né, o pai. Eles achavam um serviço pra gente fazer, dia de semana se tinha visita lá em casa, ficar junto? “Nega pau!” Procuravam um serviço, nem que não era necessário. (Chico)*

A distinção entre o universo adulto e infantil no contexto dos contadores de histórias era delimitado no sentido do acesso a determinadas informações. Barreiras hoje já indefinidas. Postman (1999) vai dizer que a televisão aproxima o mundo adulto do mundo infantil, ela não guarda mais os “segredos”, tudo que era privado se torna público, através do acesso as informações e as crianças vêem tudo que a televisão transmite. Ou seja, não se tem mais segredos a contar para as crianças, todos sabem tudo ao mesmo tempo, perde-se então a maneira de manter crianças distantes do mundo adulto. As crianças são “adutilizadas”.

Se voltarmos para o período estudado por Ariès (2012), de surgimento que compreende a transição do Feudalismo para a Idade Média, perceberemos que as barreiras entre o universo adulto e infantil praticamente não existiam. Conforme Kohan, a aprendizagem das crianças nessa época se dava através do desenvolvimento de tarefas:

As crianças, tal como as compreendemos atualmente, eram mantidas pouco tempo no âmbito da família. Tão logo o pequeno pudesse abastecer-se fisicamente, habitava o mesmo mundo que os adultos, confundindo-se com eles. Nesse mundo adulto, aqueles que hoje chamamos crianças eram educados sem que existissem instituições especiais para eles. Tampouco existia, nessa época, a adolescência ou a juventude: os pequenos passavam diretamente de bebês a homens (ou mulheres) jovens. Não havia, naqueles tempos, nenhuma ideia ou percepção particular ou específica de natureza da infância diferente de adultez (KOHAN, 2005, p.64).

Em meados do século XVII, o cenário começa a sofrer algumas modificações:

[...]a partir de um longo período, e, de um modo definitivo, a partir do séc. XVII, se produz uma mudança considerável: começa a se desenvolver um sentimento novo com relação à “infância”. A criança passa a ser o centro das atenções dentro da instituição familiar. A família, gradualmente, vai organizando-se em torno das crianças, dando-lhes uma importância desconhecida até então: já não se pode perdê-las ou substituí-las sem grande dor, já não se pode tê-las tão em seguida, precisa-se limitar o seu número para poder atendê-las melhor (KOHAN, 2005, p. 66).

A criança passa a ser percebida pelos adultos e começa-se a pensar na fragilidade destes seres. Perder um filho passa a ser um momento de dor intensa; faz-se valer o ditado popular “menos é mais” e tem-se poucos filhos, para que assim fosse dado todo suporte necessário. Cabe ressaltar, porém, que a diminuição no número de filhos se deu de maneira gradativa e inicialmente na burguesia. No contexto brasileiro, por exemplo, percebemos que esta modificação é recente, dado fato de que o número de filhos correspondia a uma ajuda no trabalho braçal, em especial, nas atividades rurais.

Ainda em meados do século XVIII, o modo de vestir as crianças também sofre alterações e a preocupação com a educação se faz presente. Inicia-se um processo de transformação.

Segundo Corazza

Por volta do século XVI, a criança começa a ser percebida como uma fonte de distração e relaxamento para os adultos, embora ainda não exista uma consciência de infância. O século XVII, gradualmente, inicia a discriminação entre adultos e crianças, as quais vão perdendo o caráter de adultos que ainda não cresceram. Os moralistas e os homens da Igreja do período as vêem como sendo inocentes, como puras criaturinhas de Deus, que têm necessidade de ter sua inocência preservada, e também como seres frágeis, como indivíduos morais e racionais, que precisam ser educados, vigiados e corrigidos. No século XVIII, estes dois atributos da infância- inocência e fraqueza- persistem acrescidos de um maior apuramento no que tange aos cuidados físicos. Em meados deste mesmo século, a moderna perspectiva de infância emerge constituída por preocupações em relação a seu futuro, preservação e existência real, as quais passam a ocupar um lugar central na família (CORAZZA, 2002, p. 84-85).

Da mesma forma, Kohan corrobora com a autora ao afirmar que

A criança se torna uma fonte de distração e relaxamento para o adulto, que começa a expressar e tornar cada vez mais ostensivos tais sentimentos. A arte também oferece esse reflexo com os novos retratos de crianças sozinhas e outros em que a criança se torna o centro da composição. O Estado mostra um interesse cada vez maior em formar o caráter das crianças. Surgem assim uma série de instituições com o objetivo de separar e isolar a criança do mundo adulto, entre elas, a escola. A criança adquire um novo espaço dentro e fora da instituição familiar (KOHAN, 2005, p. 66).

Ainda segundo Ariès (2012), nem todas as crianças “vivenciavam” esse momento da infância, pois a situação econômica e social era determinante neste período.

Sendo assim, o “sentimento de infância” sofreu inúmeras modificações ao longo da história para ter a dimensão que se tem hoje. Foi preciso muito estudo acerca desse processo de infância e, sobretudo, refletir sobre a maneira de pensar o que é ser criança e a importância que este período da fase humana possui. Ainda hoje, diversas pesquisas são realizadas com o intuito de compreender esse sentimento. Conforme Franco “Para tentarmos compreender a criança, precisamos, inicialmente, pensar sobre o que ela é. [...] não é fácil definir e, muito menos, é possível entender um conceito sociohistórico deslocado de sua realidade”(FRANCO, 2002, p. 29).

Conforme os meus contadores de histórias, podemos observar as diferentes representações de infância que estes apresentam em suas narrativas. Entendo por representação o conceito trabalhado por Hall (2005), quando este discorre sobre três aspectos em relação ao conceito de representação. Ele associa a linguagem, a cultura e a representação. O autor argumenta que somos sujeitos de linguagem e por isso atribuímos significados às coisas. Esses significados não são isolados. Por exemplo, construímos no coletivo, uma ideia de família, mas cada indivíduo atribui diferentes significados a este conceito. Para alguns, significados mais afetivos, específicos a partir daquilo que se vive e da cultura na qual estamos inseridos. Nesse sentido, podemos destacar o quanto a cultura é fator determinante para a criação de determinadas representações. Somos indivíduos, temos uma identidade própria, mas construímos as representações coletivamente, a partir daquilo que vivemos.

Dulce e Maria Lúcia descrevem a infância com um momento difícil da vida, com muitas dificuldades econômicas, o trabalho árduo que desenvolviam, brincadeiras simples, mas como um período que ambas ressaltam como “maravilhoso”, um tempo muito bom e saudável que deixou “muita lembrança boa”. Apresento as falas destas contadoras de histórias acima mencionadas que ilustram essas questões:

*Lá no pai, ele tinha um mato de bergamota, três carreiros assim, um atrás do outro, como daqui até lá na Melania[vizinha mais próxima], e era fresquinho. Nós sentávamos embaixo dos pés de bergamota e ficávamos quase que a tarde toda lá, quando o pai não chamava a gente. As bergamotas eram bonitas, nós descascávamos pra ficar o cheiro na mão o dia todo. Hoje ninguém mais gosta de descascar, né? Querem ficar com a mão limpa. Guria, isto era um tempo difícil, nós trabalhávamos muito, mas as coisas que a gente tinha, a gente dava muito valor. Os pais se esforçavam pra criar todo mundo. Às vezes a gente tem saudade desse tempo. (Dulce)*

*Ah, a gente lembra né! Ah, era tão bonito, mas tão bonito. Difícil também, como a gente brincava, ia no potreiro brincar. Brincava de dentista, boneca, de tudo a gente brincava. Até de dentista a gente brincava. Eu me lembro ainda quando a gente ia na escola né, como a gente brincava com as amiguinhas. Isso eu me lembro ainda. Ia nas tia passear, nas mana do pai, perto da lagoa. De manhã ia a pé, de noite voltava. Às vezes com o pai e a mãe, senão ia sozinha. Depois o pai comprou isso tudo e a gente ia trabalhar lá em baixo a pé. Daí a gente não achava mais longe. Que coisa boa se voltasse tudo assim, se a gente fosse novo assim de novo. (Maria Lúcia)*

Para Elésio e Chico, a infância também foi narrada como um tempo bom, mas estes contadores, “homens” deixaram mais nítida a ideia do trabalho árduo, como eles mesmos mencionam:

*Eu acho que o nosso tempo era sofrido, nós tínhamos de trabalhar muito, mas às vezes também podia brincar, mas isso era tão pouco que a gente se lembra mais do trabalho que a gente exercia. (Elésio)*

Chico é ainda mais duro em suas palavras quando estas precisam narrar a sua infância:

*Olha, coisa triste, quase tudo era triste! Não tinha recursos. Tá, eu trabalhava, e depois quando o pai deixou nós ir trabalhar pra fora e ganhava um dinheirinho, tinha que entregar tudo, tudo, mas tudo pro pai. Não deixava um pila pra mim. Tinha os mais favorecidos, coisa que eu nunca topei. (Chico)*

E se voltarmos para a infância contemporânea, perceberemos que o modo como a criança vive a infância atualmente é diretamente influenciado pela visão dos pais ou responsáveis, como enfatiza Franco:

Hoje, encontramos o adulto organizando a forma de ser da criança conforme a sua visão, a sua maneira de ser. O que ele acredita que vai ser bom para o seu filho é o que prevalece (e o que nem sempre é o mais indicado para a criança). Pode-se dizer que se aliena e constrói-se a infância em função do outro (FRANCO, 2002, p. 32).

De certa maneira, o pai de Chico também acredita que estava fazendo o melhor para o seu filho, mas claro, havia uma questão financeira por trás.

São inúmeras as atividades extraescolares que as crianças possuem na atualidade, tais como natação, aula de línguas, ballet, patinação, futsal, aula de lutas corporais e não se tem mais tempo para o brincar. Para Franco, percebe-se que as crianças

Já não têm tempo para, simplesmente, serem crianças, pois as aulas de balé, inglês, natação, futebol, computação, assim como a necessidade precoce da inserção no mundo dos adultos acaba transformando essas crianças em pequenos adultos. No Brasil, a inserção precoce da criança no mundo do trabalho não é novidade, tendo suas infâncias furtadas, passando a ocupar uma posição adversa ao mundo infantil (FRANCO, 2002, p. 32-33).

Esse é o caso dos meus contadores de histórias. Apesar de estar falando dos tempos atuais, na década de 30 e 40 do século XX, período em que os contadores viveram a sua infância, eles ocupavam o seu tempo com o trabalho.

Enquanto no século XVII paulatinamente criou-se o sentimento da infância e as crianças deixaram de ser “mini adultos”, hoje percebemos que a preocupação extrema em ocupar o tempo das crianças transformou-as, novamente, em certa medida, em “mini adultos”. É preciso dar conta de todas as programações que, muitas vezes, os pais, sem o consentimento dos filhos, decidem. A vida agitada do adulto pode ser facilmente comparada com a vida das crianças. A interação com a tecnologia acontece desde a mais tenra idade. É uma nova geração para a qual prioriza-se a diversidade, e de pais que ainda não sabem lidar com tantas mudanças e preocupam-se em tornar os seus filhos “produtivos”, no sentido de crianças que fazem e aprendem muitas coisas desde cedo, os inserindo em uma lógica neoliberal. As autoras Queluz e Cordeiro já em 1986 advertiam:

Nossas crianças estão deixando de ser crianças cada vez mais cedo. Elas são apressadas a crescer, forçadas a amadurecer rapidamente e levadas a assumir responsabilidades cada vez mais com menos idade. A meninice parece ameaçada de extinção, e a própria infância corre perigo (QUELUZ; CORDEIRO, 1986, p. 10).

Por se tratar de um assunto complexo e interminável, este Trabalho de Conclusão de Curso abordará o termo “infância” não como uma fase da vida humana que vai do nascimento à puberdade, mas sim todas as vivências que esse período proporciona, experiências que constroem as pessoas que somos hoje. Infância como um período de lembranças, de diferentes percepções, momentos que nos tocam profundamente e, sobretudo, nos afetam. Em concordância: “Notemos que a infância não é apenas uma questão cronológica: a infância é uma condição da experiência. É preciso ampliar os horizontes da temporalidade” (KOHAN, 2004, p.54).

Pensar como a infância se constituiu não é tarefa fácil e requer muito estudo. Também há muitos pensamentos enraizados no senso comum e é preciso ter um olhar atento sobre esse aspecto. Bujes enfatiza que

Nos nossos contatos cotidianos com as crianças e também quando tratamos delas, usualmente somos movidos por uma compreensão da infância como um dado atemporal. Uma visão da infância como dependência, com as crianças gradualmente conquistando sua autonomia intelectual e, por extensão, a sua autonomia moral; a infância como um momento privilegiado, que representa o que de mais puro e bom existe na sociedade, como um ideal de perfeição, também constitui a orientação predominante no senso comum, quando pensamos este período da vida dos sujeitos humanos. Estas perspectivas de significar a infância, por outro lado, estão de tal maneira naturalizadas que deixam pouco espaço para que percebamos outras formas de pensá-la e também para que ponhamos em questão os processos que vieram a constituí-la deste modo (BUJES, 2002, p. 19).

Entre diferentes possibilidades de compreender a infância, minha pesquisa intencionou mobilizar outros modos de pensar e significá-la. Uma infância que reverbera, quando o ato de (re)lembrar também é dar significados, inclusive, novos. Podemos pensar aqui em perdas de entes queridos, fins de relacionamentos, entre tantos outros momentos tristes, que ao lembrarmos, damos novos significados, muitas vezes menos sofridos. Assim, também a infância pode ser impregnada de sentidos outros ao passar pelo processo de rememoração.

## **5.1 Práticas de socialização: de que forma aconteciam?**

Entender como aconteciam as práticas de socialização, ou seja, de que forma ocorria o relacionamento com os pais, com os primos e os vizinhos e também de que forma aconteciam, e se aconteciam demonstrações de afeto dos pais com os meus contadores de histórias foi um dos objetivos que me levaram a fazer esta pesquisa. Ou seja, o processo de socialização e as relações com o outro no período da infância.

Uma das falas que mais chamou minha atenção durante as entrevistas é do contador de histórias Chico. Ele falou sobre a delicada situação de convivência com seu pai:

*Coisa boa do pai? Eu não me lembro de nada. [...] o pai batia. Óia, com um cacete assim. O Pai batia, isso era ruim, isto era ruim, ruim. Óia, brincadeira. Nunca gostei dele porque ele só queria bater e castigar, principalmente eu. Tinha os queridos, esses não. (Chico)*

Chico não diz que a relação com o pai era boa. Chico pensa num ideal de família, que é coletivo, caso contrário, ele não lamentaria a falta de relação com o pai. Então existe um ideal coletivo de família, mas ele criou uma representação específica, deu um novo significado, este, negativo.

As autoras Queluz e Cordeiro (1986) relatam que somente as crianças tinham que ter respeito com os adultos, o contrário não era recíproco:

[...] antigamente, o adulto não via na criança uma pessoa. Os filhos deviam todo o respeito ao pais, mas, por seu lado, não viam reconhecido o seu direito ao respeito. Amar é uma forma de respeitar a criança. Mas o contrato vai mais longe: devemos entender a respeitar a criança e seus tempos, sua maneira de ser. A recíproca a que os pais têm direito, o respeito que esperamos de qualquer filho, virá automaticamente, sem precisar ser imposto a grito ou pelo medo, na exata medida de nosso respeito por ele. Quanto mais respeito receber, mais aprenderá a respeitar e mais facilmente incorpora essa qualidade (QUELUZ; CORDEIRO, 1986, p. 21).

Ressalto ainda que Chico falou em bom e alto tom para mim que poderia anotar tudo o que ele estava falando, numa atitude que parecia intencionalmente frisar a realidade dos fatos relatados, ou, ao mesmo tempo, a necessidade de tornar pública a sua história, por mais triste que esta pareça ser. Apresento na sequência a descrição de outro fato, também revoltante para o contador de história.

*Ali, naquele tempo meu pai tinha preferência sempre pelo filho mais velho. Ele tinha todas as chances e os outros não. Eu era o mais prejudicado de todos. Castigado. (Chico)*

As autoras Queluz e Cordeiro (1986) descrevem o hábito de comparar crianças:



Na esperança de modificar comportamentos ou sentimentos de nossos filhos “enchendo-os de brios”, muitas vezes os criticamos e até os ofendemos. O mau hábito de comparar crianças raramente dá o resultado que a gente pretende. Criticar e ofender não são boas formas de comunicação com a criança e quase nunca a fazem “tomar vergonha” ou sentir-se motivada a mudar. Ao contrário, geralmente a criança sente nossa crítica ou ofensa como uma agressão. E reage (QUELUZ; CORDEIRO, 1986, p. 31).

Ou seja, o pai de Chico, com o ato de ter preferência por filhos, estava de certo modo comparando seus filhos, e como as autoras trazem, isso gera uma reação. De fato, na época de criança, Chico não reagia, mas atualmente essa renúncia em relação ao pai é um modo de reação.

Elésio também narrou que seus pais eram bravos, mas havia uma convivência amigável, diferente do caso de Chico.

*O pai e a mãe eram brabos. Só que a mãe só entregava nós pro pai, e o pai quem passava a vara. O pai fazia um churrasco bom, ele era muito impertinente. Tinha que ser do gosto dele. (Elésio)*

Podemos observar nas narrativas apresentadas pelos contadores de histórias Dulce, Maria Lúcia, Elésio e Chico que o relacionamento com os pais se dava de forma distinta. Enquanto para Dulce *os pais ensinavam o que era o certo e o errado*, para Maria Lúcia, *os pais não falavam nada*, as meninas aprendiam muitas coisas com as primas mais velhas. Já para Elésio, os pais também ensinavam, mas a cobrança maior vinha por parte do pai, que era muito rígido.

*A mãe e o pai ensinavam a gente o que era certo e errado, nós aprendia desde pequenos as coisas. Eles diziam a mesma coisa para todos os meus outros irmãos. Quando nós tinha dúvida de alguma coisa, nós pedia pro pai e pra mãe e eles respondiam, quando sabiam. Nem sempre eles sabiam. (Dulce)*

*O pai e a mãe não diziam nada pra gente, entende? Nós não sabia as coisas se os outros não falavam. (Maria Lúcia)*

Essa narrativa da contadora Maria Lúcia é questionável. “O pai e a mãe não diziam nada?” Não é possível que nada fosse ensinado ou que somente “as coisas” fossem aprendidas pelos outros... As crianças aprendiam muito com seus pais. Há um juízo moral muito forte nessa narrativa. Talvez Maria Lúcia esteja se referindo às questões consideradas tabus na época, tais como sexualidade, gravidez. Assuntos relativos ao trabalho, ao preparo da comida, etc., com certeza eram ensinados. As próprias repreensões (de não falar quando havia alguma visita) mostra que os pais “diziam algo” sim. Seria mesmo possível que não dissessem nada?

Ainda quanto aos modos como se davam as aprendizagens na época da infância dos meus contadores de histórias, Chico narrou os espaços onde e através dos quais ele aprendia ou nos quais os adultos acreditavam que ensinavam:

*A gente aprendia na escola, na igreja e tal...eles achavam, mas muita coisa era errado que eles ensinavam. O pai achou que estava ensinando certo. Errado. Depois a gente descobriu que não era certo. (Chico)*

Sobre o perfil dos pais, ambas contadoras (mulheres) de histórias contam que a mãe era mais brava que o pai. Dulce relata que nunca apanhou do pai e Maria Lúcia define o pai como um ser “bonzinho”.

*Eu nunca, nunca não apanhei. Tinha 8 irmãos. Da mãe sim, ela pegou o chinelo, “flepa, flepa, flepa” na bunda... mas isto a gente nem sentia mais...mas o pai nunca bateu. A mãe era a braba, era a cacique...ela gritava bastante. Mas o pai nunca disse a palavra não, se tinha uma coisa. (Dulce)*

*A mãe era bem braba, mais o pai era muito assim...Bonzinho! A mãe gostava de dar uns “fletis”, de varinha, mas bater forte não. (Maria Lúcia)*

Jung (2014) estabelece relações entre a autoridade feminina, que ocorre no âmbito familiar, e a autoridade masculina, no espaço público. É na infância que passamos a maior parte do nosso tempo com os nossos pais, e de fato, os filhos ficavam mais com as suas mães, tendo o pai o poder de impor o “medo”. Bastava um olhar de canto que os filhos já compreendiam que o pai não estava de acordo com alguma coisa. Ou seja, a mãe tinha o controle sobre seus filhos no âmbito familiar, pois estes permaneciam a maior parte do tempo com ela. Quando a família tinha alguma programação fora desse eixo doméstico, quem assumia o poder era o pai. Desobedecê-lo perante o público era uma grande ofensa.

Já para os contadores (homens) a narrativa se deu de forma totalmente inversa. Se para as meninas, o pai era considerado o “bonzinho” da história, para os meninos a mãe era a peça fundamental da família. Elésio disse que os dois eram bravos, mas o pai era mais rígido.

*Isso o pai era bem rígido, ele queria as coisas certo né. A mãe era mais tranquila, mas ela era braba também quando nós incomodava ela. Imagina, uma escadinha de filho, se tu vai lidar com a rédea solta? Tu tem que educar os filhos. (Elésio)*

Chico, com suas palavras descreveu seus pais e aquilo que considerava ser um defeito da sua mãe:

*O pai era meio rançoso. Mas a mãe era muito boa, muito boa. Ela tinha um defeito, nós, fazia uma arte e ela estava vendo, ela contava logo pro pai. Sabia que ele ia castigar forte nós. Isto ela não podia fazer. Depois quando era maior tinha muita festinha de aniversário na vizinhança, fazia festa, tinha gaiteiro. Então, eu tinha que pular da janela pra fora pro pai não ouvir... e aí às vezes a mãe notava e já falava pro pai. Por isso eu às vezes xingava a mãe, mas assim ela era muito boa. (Chico)*

Chico ainda narrou a preocupação que sua mãe tinha quando um filho estava doente:

*Quando a gente estava meio adoentado, a mãe quase nem saía do lado da cama. Eu vou fazer um chá, vou fazer isso, aquilo...o que tu quer comer? Era muito preocupada! Omelete eu gostava muito e daí ela fazia. (Chico)*

Dulce e Maria Lúcia lembram que seus pais não demonstravam com grandes gestos o carinho que sentiam pelos filhos, mas ambas defenderam a ideia de que era o jeito deles serem.

*A mãe era assim mais fechada, o pai às vezes dizia que nós era isso ou aquilo dele. Não me lembro direito como ele dizia. Mas eles gostavam da gente porque nós era a família deles. (Dulce)*

*Os pais não eram muito assim de demonstrar que gostavam da gente, de dar um abraço forte ou um beijo, isso nunca, não era assim. A gente sabia que eles gostavam, porque a gente era filho, e também porque às vezes a mãe fazia aquilo que nós mais gostava de comer. (Maria Lúcia)*

“A mãe fazia aquilo que nós mais gostava de comer”, esta era e se mantém até hoje como uma demonstração de afeto.

Demonstrações de carinho pelos pais não foram mencionadas nas narrativas de Elésio e Chico. Mas podemos compreender que a preocupação quando os filhos estavam doentes, fazer

uma comida que gostavam também trata-se de uma demonstração de carinho.

Em relação ao afeto e relações em família, é interessante perceber como os contadores de histórias acreditam ser importante ter a presença dos primos na vida familiar. Dulce narra que brincava muito com os primos que assim como ela, moravam na “colônia”. Maria Lúcia também narra as suas brincadeiras e em muitas delas com a presença dos primos e dos seus vizinhos.

*Lembro que quando eu era pequena eu brincava com meus primos e vizinhos também. “Tinha uns que moravam perto”, outros bem longe, com os que moravam na colônia nós brincava sempre. Os primos eram como irmãos, a gente estava sempre com eles. Hoje as crianças quase nem conhecem seus primos. (Dulce)*

*Tinha uns primo longe e uns perto. Eu e a Vone era que nem manas né... era minha vizinha, a minha prima, a gente estava muito junto também. Os primos moravam a maioria tudo perto, a gente sempre dizia que eles eram que nem manos também, eram filhos das tias e dos tios né. Como não podiam ser chamados de manos? A gente se dava muito bem, eles eram obedientes, outros arteiros, mas eram nossos primos. (Maria Lúcia)*

É importante salientar que os contadores de histórias tinham os primos como irmãos e que essa troca de afetividade é vista por eles como algo que não está mais tão presente nos dias atuais.

Atualmente o fato de as famílias terem menos filhos, devido a condições econômicas e ser cada vez mais raro irmãos morarem próximos uns dos outros, faz com que o contato entre irmãos e primos na infância se restrinja, por vezes, às festas familiares. Por outro lado, com a inserção das crianças desde cedo em escolas de Educação Infantil faz com que também tenham convívio entre pares. Ou seja, o “crescer” junto a demais crianças persiste, mas sob novas configurações.

Ainda em relação ao convívio com primos, Elésio mencionou a diferenciação entre os "primos de longe e os primos de perto", e Chico falou sobre os vizinhos, ou seja, crianças e jovens que moravam nas proximidades e com os quais também interagiam:

*Era diferente né, hoje quase não se conhecem mais. Isso pra nós... nós tinha os primos de longe e os primos de perto. Os de perto era quase que nem irmãos, né. Isso daí nos fim de semana nós se visitava. (Elésio)*

*Primos? Eles vinham visitar, bah, ou nós ia lá na casa deles. Tinha pouca criança ao redor de casa, mas quando tinha os vizinhos e os primos, nós se visitava. Fumava lá no meio do mato, caçava passarinho. Toda redondeza se dava bem. (Chico)*

Elésio me fez refletir muito ao falar sobre a importância de darmos valor para as pessoas enquanto estão vivas. Mencionando a importância de visitar os primos, ele narrou:

*Isso eu acho importante, porque hoje ninguém mais dá valor pro parente. E eu, de dois em dois anos visito os primos e eles também vem. São lá de Santa Catarina. Os filhos dos primos também, eles vem procurar nós. Esses tempo veio um aqui. Eu disse pro primo um dia: Eu quero ver nós em vida, não na hora que tu tá lá no caixão. A gente precisa dar valor enquanto estamos vivo. Eu digo, o que adianta se alguém falece da família, tu vai correndo pra lá e pra cá... isso se visita antes. (Elésio)*

De fato, a única certeza que temos é a morte, e sim, precisamos nos visitar em vida. Fica aqui uma reflexão sobre os tempos atribulados que vivemos e o tempo que temos conseguido dedicar aos nossos familiares, pensando nas redes de afeto que não só constituíram nossa infância mas seguem fazendo parte do que somos.

E como diz a música de Renato Russo: “É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã, porque se você parar pra pensar, na verdade não há”.

É importante destacar a importância que tem a configuração da família para os meus contadores de histórias, tendo em vista que os seus comentários mencionam que na atualidade não se tem mais contato tão próximo com os primos. Talvez, os contadores de histórias acreditam que isso se perdeu, pois a configuração atual da família vem se modificando. Ou seja, aquele “ideal” de família visto pelos olhos dos contadores de histórias, com tudo no seu devido lugar, casamento visto como algo eterno, cada integrante desenvolvendo seu papel, vem sofrendo cada vez mais “novos arranjos”.

Neste subcapítulo, debrucei-me diante das seguintes inquietações: De que forma aconteciam as práticas de socialização; De que forma se dava o relacionamento com os pais? Com os primos? E com os vizinhos? De que forma aconteciam, e se aconteciam demonstrações de afeto dos pais para com os contadores de histórias?

Primeiramente, preciso destacar que as práticas de socialização para com os pais dos meus contadores de histórias, foram apresentadas de maneiras inversas. Para Chico, a relação com o pai era vista como “pobre de sentimento”, pois o contador relatou que não tinha nenhuma lembrança boa do pai, que o mesmo só batia. Chico via-se como o mais castigado, prejudicado

dos filhos. Para Elésio, os pais também receberam a característica de serem rígidos, porém, havia um outro tipo de convivência, esta mais amigável. Para a contadora Dulce, seus pais ensinavam aquilo que consideravam certo e errado, para Maria Lúcia, os pais não diziam nada e as meninas precisavam recorrer as primas mais velhas para se inteirarem de algum assunto. Para o contador Elésio, os pais ensinavam, mas era a figura paterna quem mais cobrava as coisas serem certas. Chico relatou que aprendiam as coisas na escola, na igreja. Ou seja, a maneira pela qual os contadores de histórias aprendiam as coisas, o que era considerado certo e errado, se dava de maneira distinta. O que de fato me deixou bastante inquieta foi a fala da contadora de história Maria Lúcia, quando esta diz que os pais não ensinavam nada. Penso que essa narrativa merece destaque uma vez que, seria possível que os pais não dissessem nada?

As contadoras mulheres defenderam a ideia do pai ser mais bonzinho do que a mãe. As duas contadoras narram que era a figura materna que passava o chinelo ou a varinha caso não obedecessem. Diferentemente dos contadores homens, que defenderam que a mãe era a mais boazinha, bem como a preocupação que ela sentia quando um filho estava doente. As contadoras mulheres, narraram sobre o fato dos seus pais não demonstrarem com grandes gestos o carinho que sentiam pelos filhos, mas ressaltou que, as duas contadoras entendem que era o jeito deles serem, uma característica pessoal. Nas narrativas apresentadas, é importante destacar que a questão da familiaridade era inquestionável, ou seja, quando elas dizem que *“Mas eles gostavam da gente porque nós era a família deles”* (Dulce), *“A gente sabia que eles gostavam, porque a gente era filho”* (Maria Lúcia), de fato os pais deveriam gostar dos filhos, amá-los, porque eram “filhos” e não se questionava isso. Elésio e Chico não relataram nenhum fato específico de demonstração de carinho, mas podemos observar, através das narrativas dos contadores de histórias, que em pequenos gestos do dia a dia, seus pais demonstravam afetividade.

Maria Lúcia, Dulce, Elésio e Chico narraram suas brincadeiras com a presença de vizinhos e primos. Para os contadores de histórias, os primos eram considerados irmãos. Como haviam poucas crianças na redondeza, as brincadeiras aconteciam, especialmente nos domingos, com os primos e os vizinhos, estes, de diferentes idades. Primos, eram considerados para todos os contadores de histórias, como seres pertencentes a família, portanto, chamados de “irmãos”.

## 5.2 O tempo e o espaço do brincar

No capítulo anterior, ao trazer um pouco do surgimento do sentimento de infância, procurei sinalizar e pontuar algumas características das vivências dos sujeitos infantis de outros séculos. Ao falar sobre o ato de brincar parece que de imediato vem à tona a imagem de criança(s). Com os meus contadores de histórias deparei-me com outro tempo, num espaço semelhante ao que eu habitei quando criança, mas com outras formas de organização.

Compreender a relação dos meus contadores de histórias com o brincar, analisando as brincadeiras e seus brinquedos, identificar quando, com quem e de que brincavam, foi um dos meus grandes objetivos dessa pesquisa. Segundo as autoras Dominico e Lira (2014): “O brincar assume um lugar muito significativo na vida das crianças, pois por meio dele, elas agregam valores importantes que contribuem para sua formação e constituem suas formas de ser e estar no mundo”(DOMINICO; LIRA, 2014, p. 21).

O brincar das contadoras de histórias Dulce e Maria Lúcia foi, segundo elas, muito bem aproveitado, apesar do pouco tempo destinado para tal atividade. As entrevistadas contaram que se utilizavam muito da imaginação para dar conta de criar suas brincadeiras. Conforme destaca Horn

O compartilhar as mesmas brincadeiras é uma opção que as crianças “rurais” encontram para se divertir. No meio rural há poucas praças e parques, ou seja, espaços construídos especificamente para a diversão das crianças, o que exige que elas busquem outros meios e possibilidades de criá-los (HORN, 2010, p. 113).

Com a ajuda dos contadores de histórias, podemos compreender melhor o “brincar bem aproveitado”.

*O que eu nunca não esqueci foi nós brincando de casinha. Disto eu nunca vou esquecer. Depois do almoço, nós corria. Nós pegávamos folha de banana, isto era nossa roupa, daí um tinha uma venda né, e nós ia lá comprar roupa. Olha, que besteira! [...] Meu Deus, nós brincávamos no potreiro, isso era bom. Isto era muito bonito. “Nós pegamos aquele, do coqueiro sabe? Que cai. Isto nós pegamos, outro empurravae lá nós fomos.. (Dulce)*

Além de brincar de dentista, de boneca, Maria Lúcia deu mais detalhes das suas brincadeiras:

*Brincava de esconde-esconde, pega-pega. [...]Tinha boneca de pano nesse tempo. Também enrolava um pedaço de lenha pra fazer de conta que era uma boneca. Tinha aqueles cogumelos, sabe, no potreiro, aqueles grande, isso era sombrinha. A gente arrancava os cogumelos e fazia de conta que estava chovendo, que a gente ia passear na chuva. Em domingos sempre tinha uma turma ali no potreiro, eles pegavam chiba e resbalavam no potreiro. (Maria Lúcia)*

Para Chico, a sua brincadeira preferida era futebol, ele narrou como fabricavam a bola, uma vez que não tinham condições financeiras de comprar os poucos brinquedos que existiam na época nos mercados. Já Elésio contou que gostava de pescar, mas devido aos pais sentirem medo, ele deixou a pescaria de lado e partia morro abaixo com seu carrinho de lomba.

*Futebol, bola não tinha. Fazia com uma meia, ou quando carneava o porco, enchia uma bexiga. Mas isso não durava muito. Isto era nosso bola. Brinquedo? Não tinha brinquedo nenhum, nós fazia aquelas carreta de lomba. Daí em domingos, depois da missa, isso era nosso principal brinquedo. (Chico)*

*Brincava de carrinho de lomba, isso nós mesmos fabricava. Brincava nos morros, isso era nosso entretenimento de domingo né. Eu gostava de pescar, mas o pai e mãe não gostavam que nós ia nos arroios. Eles tinham medo, aí a gente obedeceu. E se nós ia escondido e eles descobriam né, aí o laço pegava. A vara comia. Brincava de balanço, nós já era uns cavalão e brincava de balanço ainda. Pega- pega, esconde-esconde. (Elésio)*

Podemos perceber através dessas narrativas o quanto o faz-de-conta se fez presente nas brincadeiras, uma vez que, segundo os contadores de histórias, não existiam brinquedos industrializados. Podia até existir, mas estes estavam fora da área de alcance dos entrevistados. Para Queluz e Cordeiro (1986) tudo é considerado brinquedo:

Qualquer objeto, tudo serve de brinquedo e para brincar. E isso podemos ensinar para nossos filhos. Assim, aumentamos sua capacidade de observação e suas possibilidades de brincar. Dizer a uma criança “Isso não é brinquedo” significa reprimi-la, não compreendê-la. Tudo, para ela, deve ser brinquedo (QUELUZ; CORDEIRO, 1986, p. 55).

A narrativa das contadoras de histórias Dulce e Maria Lúcia, esclarecem esse fato:



*Nós fizemos tudo em casa, o brinquedo. Lodo, nós pegamos o lodo né, daí nós fazíamos bichinhos, depois nós pintávamos com cinza, Meu Deus do céu! Boneca, pensa bem, boneca a mãe fez umas pra nós, de pano. Nós dava comida, fazia dormir, fazia de conta que ia passear nos vizinhos. Tu conhece boneca de pano? A vó tinha pra vocês né?(Dulce)*

*Não tinha brinquedo pra vender nesse tempo, isso nada nada não tinha. [...]Tinha que inventar brincadeiras. Mas era bonito, viu? Pena que as crianças não podem viver um pouco disto que nós vivemos. As brincadeiras eram simples, viu? Mas a gente gostava, porque não tinha outra coisa. (Maria Lúcia)*

*Isso na época, no comércio, não tinha como hoje. Nós fazia. Nosso brinquedo era debaixo das árvores, nós fazia estradinha no chão, comida. (Elésio)*

É importante destacar o semblante da entrevistada Maria Lúcia quando esta narrou sobre a tristeza que sente pelo fato de as crianças não poderem vivenciar as brincadeiras que ela considerava importante na sua época de infância. Como já mencionado, não podemos comparar infâncias, mas é visível o quanto os contadores de histórias, através das suas narrativas acreditam terem vivido numa época de ouro, da qual os valores que adquiriram são cultivados até hoje. Por outro lado, Maria Lúcia, ao afirmar que gostavam do que tinham *porque não tinham outra coisa*, revela que a comparação é impossível, e que não havia a sensação de “falta” de artefatos para brincar, pois outros artefatos eram desconhecidos.

Outro fato importante para mim, enquanto pesquisadora, era entender quando esses contadores de histórias brincavam, uma vez que o trabalho infantil se fez presente na vida de todos eles. Para isto, uma das questões que me impulsionaram nesta pesquisa foi compreender o tempo e o espaço do brincar das décadas de 30 e 40 do século XX. Conforme Dulce, o brincar se dava na hora do meio dia quando seus pais iam descansar para continuar o turno de trabalho à tarde. Com a sua fala, podemos perceber que Dulce menciona um dos seus momentos preferidos, e, de alguma forma, uma demonstração de carinho do seu adorado pai, ao andar de carroça.

*Brincava na hora do meio dia, quando os pais iam descansar, “aí a gente aproveitava e ia brincar”. Quando eles acordavam, eles tomavam o chimarrão deles, aí nós fomos todo mundo junto na roça. E era bonito, poxa! Eu gostava quando o pai ia cangar os boi, já sabia que ele ia pra roça. O caminho tinha cheiro de mato, entende? Isso não tem mais hoje. A gente sentava com o pai, ele cantava umas músicas antigas e nós queria sempre que o caminho fosse mais longe, pra andar mais de carroça. Como era bonito! (Dulce)*

As autoras Dominico e Lira (2014) relatam um pouco o que é perceptível nas narrativas dos contadores de histórias.

[...] muitas crianças são obrigadas a trabalhar para poder auxiliar no sustento da casa. Quanto às crianças do campo, em geral precisam ir para as lavouras ajudar seus pais, tirar leite, dar comida aos animais. Sendo assim, não têm muita liberdade de escolha e nem muito tempo para poderem brincar. Nestes momentos que se dedicam a ajudar aos pais, os pequenos não brincam com crianças de sua idade e não partilham experiências lúdicas que seriam importantes para sua formação pessoal (DOMINICO; LIRA, 2014, p. 23).

Penso que é perigoso afirmarmos que estas crianças não partilham experiências lúdicas, para tanto, é necessário compreender esse tempo e espaço do brincar dessas décadas, e de que forma as crianças se organizavam para também, junto com o trabalho, poderem brincar.

Já para Maria Lúcia, o brincar se dava no domingo, quando as crianças se juntavam com os vizinhos e com os primos.

*Nos domingos nós podíamos passear nos vizinhos. Nós brincávamos, era geralmente nos domingos né. Ninguém ia passear nesse tempo, no dia da semana, tinha que trabalhar. E no domingo, daí sim podia passear e brincar. (Maria Lúcia)*

O tempo “limitado” para brincar produziu um “tipo” ou uma “representação” de infância diferenciada da que vemos hoje. Pensar sobre um tempo intenso que é vivido de outra forma, pois para as crianças estava dado que o tempo de brincar tinha limites. Será que esse brincar tinha uma intensidade de outra ordem, dado fato de que as crianças sabiam que era um tempo limitado? É diferente de uma criança, hoje, que vai para uma praça ou um parque e ela não vai ser acionada para trabalhar quando chegar em casa para tirar leite, ou cortar o pasto para os animais.

O brincar pode ser comparado ao nosso lazer hoje. Muitas vezes, nosso lazer tem um tempo e períodos limitado, dependendo da função que determinados adultos exercem, até mesmo o domingo pode estar destinado ao trabalho.

Podemos destacar ainda, o quanto o brincar se dava com pessoas de faixas etárias distintas, uma vez que nem sempre havia crianças da mesma idade para brincar. Conforme todos os contadores de histórias, meninos e meninas brincavam juntos. Este dado é corroborado por Horn (2010):

As distâncias entre as moradias no meio rural e a densidade populacional fazem com que a parcela reduzida de pessoas nas localidades, em especial de crianças, se reúna para brincar. Nas brincadeiras, percebe-se meninas e meninos participando das mesmas brincadeiras, que geralmente são realizadas por crianças de faixas etárias diferenciadas (HORN, 2010, p. 112).

Para Elésio o tempo destinado para o brincar foi narrado como algo “raro” uma vez que o trabalho braçal era muito presente na sua vida.

*Ah, isso era muito pouco. Dia de chuva quase sempre. Daí não ia pra roça. Brincava nos galpão. Isso pra nós era entretenimento né, tirar os monte de milho, caçar rato. De manhã, ia pra aula e de tarde ia pra roça. Sábado e domingo podia brincar também. Domingo era domingo. (Elésio)*

Já para Chico, o brincar era mesmo na escola e no domingo, depois da missa:

*Olha, pra brincar era no recreio na aula e olha lá. O resto... Domingo tinha que ir na missa ou no terço, isso era sagrado. Tinha que ir, barbaridade. (Chico)*

Podemos perceber que o brincar acontecia em diferentes momentos para os contadores de histórias, portanto, percebe-se que as famílias se organizavam de diferentes maneiras. Mas de fato, o brincar para todas as faixas etárias deveria ser lembrado como: “Brincar é o trabalho da criança. Brincando ela está aprendendo, explorando, descobrindo, tomando contato e conhecimento do mundo. Principalmente quando usa um brinquedo feito por ela mesma”. (QUELUZ; CORDEIRO, 1986, p. 51).

Neste capítulo, busquei compreender a relação dos meus contadores de histórias com o brincar; analisar as brincadeiras e seus brinquedos; identificar quando, com quem, e de brincavam.

Há um grande contraponto a se fazer: para a maioria dos contadores de histórias o brincar foi narrado como sendo temporal, ou seja, foi mencionado como ocorrendo apenas no domingo. Mas, nas entrelinhas das narrativas analisadas, podemos observar que, apesar de ter um tempo instituído para o brincar, e que os contadores fortemente ressaltavam isso, essas

lembranças, pequenas colocações, demonstravam que tinha um brincar para além, que talvez não fosse tão livre quanto eles gostariam. Mas existiam, em meio a dureza toda desse processo de trabalho.

O tempo limitado para o brincar produziu uma representação de infância diferente da que temos hoje. Os meus contadores de histórias brincavam com crianças de faixas etárias diferentes, pois nem sempre havia crianças da mesma idade na localidade de Boa Esperança.

Para as crianças, o tempo do brincar estava sempre determinado, ou seja, havia limites para o brincar. Para Dulce, o brincar se dava na hora do meio dia, quando seus pais descansavam para o turno posterior de trabalho. Maria Lúcia narrou que brincava nos domingos, quando então se juntava com os primos e os vizinhos. Elésio contou que o tempo para o brincar era muito raro, devido o trabalho braçal ser extremamente duro, porém, quando chovia, não iam para a roça, então aproveitavam para brincar. Chico relatou que o brincar acontecia no domingo, ou mesmo na escola, mas também com tempo determinado, ou seja, no hora do intervalo.

Portanto, o brincar acontecia em diferentes momentos para os contadores de histórias, porém, para todos os entrevistados o brincar era de um “tempo destinado”, com hora para começar e hora para terminar.

Para as contadoras Dulce e Maria Lúcia, o brincar foi bem aproveitado, apesar de pouco tempo destinado para isso. As brincadeiras eram pensadas com a ajuda do faz-de-conta, uma vez que os contadores de histórias precisavam ter muita imaginação para criarem as suas brincadeiras e os seus brinquedos, pois o acesso a brinquedos novos e industrializados estava distante, nessa época.

Nas narrativas obtidas, os contadores destacaram as suas brincadeiras. Brincavam de: casinha, de vendinha, de dentista, boneca de pano, esconde-esconde, pega-pega, futebol, balanço, carrinho de loba, brincavam de empurrar um ao outro numa folha de coqueiro, folha da bananeira, esta servia como roupas. Brincavam em um lugar citado por todos eles como o local preferido das brincadeiras, o potreiro. Galpões também foram citados.

Através das narrativas, percebeu-se que os brinquedos eram fabricados por eles próprios. Boneca, era costurado com pano, portanto, os contadores de histórias não possuíam bonecas industrializadas, mas sim, bonecas de pano. Bola, para jogar futebol, era confeccionada com meia ou quando carneavam um porco, enchiam a bexiga com ar. Também, fabricavam os carrinhos de loba.

Os meus contadores de histórias narraram que gostavam dos brinquedos que faziam,

pois não tinham outra coisa, ou seja, não sentiam a falta dos brinquedos industrializados, pois não tinham acesso aos mesmos.

Por fim, notei o quanto os contadores de histórias, através das narrativas, demonstravam que possuem um sentimento de “vazio” pelo fato dos netos não poderem vivenciar as brincadeiras que faziam sentido na época dos avós. Volto a ressaltar, não podemos comparar infâncias, mas de fato os meus contadores de histórias defendem a infância deles, através de toda simplicidade, como sendo a melhor de todas.

### 5.3 Infâncias marcadas por dificuldades

Se na época descrita pelo historiador Ariès (2012), as crianças eram inseridas no universo adulto através das mais variadas atividades (inclusive de lazer), podemos perceber através dos contadores de história que na sua infância as crianças não tinham opção quanto à sua inserção no universo adulto no que diz respeito às obrigações relacionadas ao trabalho.

A infância dos contadores de histórias teve brincadeiras sim, mas também teve muito trabalho envolvido. As crianças, nessa época, começavam a trabalhar desde cedo para ajudar a sua família no sustento. O “trabalho” aparece nas narrativas como algo muito forte. Atividades rurais como plantio, colheita, cuidar dos animais, ajudar no fumo, nos afazeres domésticos dentre outras que foram desenvolvidas pelos contadores. Enfim, todos os contadores de histórias narraram sua infância juntamente com o trabalho árduo desenvolvido, do qual toda família participava. O trabalho não era remunerado, mas nem por isso não havia dedicação por parte dos meus contadores de histórias. Dulce trabalhou na roça até casar:

*Eu nunca trabalhei fora, só na roça, até que eu me casei. (Dulce)*

Já Maria Lúcia, na infância ajudou seus pais na roça, mas como ela mesma destacou, “só um pouquinho”, mas para além disso, cuidava dos bebês que nasciam na localidade.

*Eu trabalhava nas mulheres onde nascia os nenê quando eu era criança. Até cuidei de gêmeos. Eu estava lá sempre na semana. Eu criei muito nenê. Naquele tempo a gente gostava tanto de fazer isso né... não ganhava pago, trabalhava sempre assim... ganhei uma vez um sapato. O pai mandava, tinha que ir. Um ajudava o outro, não é que nem hoje, tudo cobrado. Quando a gente já sabia se virar mais ou menos, já ia trabalhar. Eu era criança ainda, mas já cuidava dos nenê. (Maria Lúcia)*

Chico, com os olhos lagrimejando, lembrou da fase que trabalhava no alambique do seu tio. Elésio falou sobre como cuidava dos irmãozinhos e tomava conta da comida no fogão à lenha.

*Trabalhei de tudo na infância, no fumo, no alambique, meu tio tinha um. Desde os 8 anos tocava boi, moer cana. Depois, ainda com 8 anos, meio dia trabalhava no alambique e meio dia na aula. No alambique trabalhava quando era época de safra da cachaça e aí depois na lavoura, colheita de fumo. (Chico)*

*Eu com 6 anos eu já tinha que cuidar dos irmãozinhos, né? Eu era o mais velho. Cuidava dos irmãozinhos e do fogo debaixo da panela de feijão. Às vezes né, tu esquecia de colocar água no feijão, ia lá trocar a lenha, e corria lá pra brincar com os maninho de novo, né. Daí voltava e tavão feijão grudado na panela. Quando eu fiz sete anos, daí já era meio dia na enxada. (Elésio)*

Nos dias atuais, é praticamente impensável uma criança com sete ou oito anos cuidar de outra criança e ficar encarregada de ações como moer cana e cuidar da comida no fogão. São ações que hoje seriam alvo de denúncia, o que na década de 30 e 40, era considerado “normal” para as famílias. Ou seja, volto a ressaltar, tinha-se os filhos para serem os ajudantes nas tarefas diárias do campo.

Maria Lúcia contou orgulhosa que também ajudava nos afazeres domésticos. Quando não estava na comunidade, cuidando de um bebê recém-nascido, cozinhava para seus pais que estavam na roça e juntamente cuidava dos seus irmãos mais novos. Ela nos deu detalhes de como fazia para chamar seus pais quando o almoço já estava pronto:

*Quando era meio dia eu precisava colocar um pano branco na janela, daí eles tão lá em baixo na roça de arroz trabalhando, e quando eles viam o pano branco, já sabiam que era meio dia. Daí eles vinham pra almoçar. Era tudo difícil, não pensa que era fácil, mas a gente vivia melhor. (Maria Lúcia)*

Através das narrativas, pode-se perceber que as roupas eram costuradas pelas contadoras de histórias, uma vez que seus pais não compravam. Dulce e Maria Lúcia contam que quando ainda eram crianças costuravam as roupas dos seus irmãos, e para elas mesmas com saco de açúcar.

*A gente fez roupa de saco de açúcar. Mas isso deu roupa tão bonita. Eu e a mãe costuramos. Eu era pequenininha e já estava costurando. A primeira roupa que eu comprei na cidade eu tinha 15 anos. A mãe fez uma calça comprida de saco e uma calça, como eu me “proziava”. Isto era uma roupa bonita. Fizeram calcinha. (Dulce)*

*Fazia roupa com saco de açúcar, tinha um fio e estava estendido com um monte de calcinha que a gente pintava tão, tão bonito. Era tão bonitinho! Nesse tempo era quase tudo feito em casa. A minha mãe tinha despensa né, tinha tecido de metro que ela tinha. Ela comprava, não tinha um metro, dois, era um pedaço grande. Pensa, aquele brim, isso tudo, tudo a gente costurava. Era três menina, o resto era rapaz, tinha 9 irmãos. Então eu cuidava dos nenê, ajudava na roça quando dava e costurava roupa pra mãe e para os irmãos. (Maria Lúcia)*

Comprar roupa pronta na cidade era praticamente uma vez ao ano, nas décadas de 30 e 40, período em que os contadores de histórias viveram a sua infância, costurar fazia parte dos afazeres domésticos das famílias, que na maioria das vezes estava destinado às meninas.

Para Chico, sua mãe costurava suas roupas com saco de adubo. O contador de histórias narrou que os pais iam para Lajeado comprar tecidos com o dinheiro que ganhavam da colheita. Chico contou também como eram seus calçados.

*As roupas eram feitas de saco de adubo, a mãe costurava. Quando dava a colheita de fumo, o pai e a mãe iam lá pra Lajeado, comprar metros de tecido, e daí ela costurava em casa. Calçado, meu deus! Óia, pra ir na missa, um par de alpargatas e pra ir na aula então, um dia, eu me queixava pro pai. No meio do gelo de pé no chão. Daí lá no velho Reckziegel veio chinelo, estava na prateleira uns 20 anos e isso eles venderam pro pai. Eu fui na escola, e ele disse pra eu cuidar. No primeiro dia descascava os dedos de bolha, joguei fora. (Chico)*

Percebe-se que as opções de consumo eram limitadas para todos, mas em especial se tornavam algo raro para famílias com baixa renda. A raridade da aquisição de artefatos novos de consumo faz com que os narradores lembrem os detalhes da conquista até hoje.

A raridade de alguns bens não se limitava somente aos artefatos adquiridos no comércio, mas o próprio banho com água limpa e encanada não existia, o que foi destacado nas falas de Dulce e Maria Lúcia. Ambas contam que depois de terem trabalhado o dia inteiro, e quando mais velhas depois de irem para a escola, ainda precisavam buscar água para poderem se banhar. Ambas tomavam banho em “gamelas”.

*Nós tomava banho na gamela. A gente foi, ói, era longe onde a gente buscava água. Ia a pé, buscar com balde. Antes da noite ia buscar. A gente se sentou lá dentro nessa gamela e lavou, porque era grande. Cada um tinha que se buscar água pro banho. Dois balde de água. (Dulce)*

*Meu Deus, me lembro que tinha uma gamela, ia buscar água no mato, antes do banho. Não tomava banho cada dia. Pior que era assim, viu? (Maria Lúcia)*

Os meninos Elésio e Chico, também nos contam que o banho não era frequente, por sinal, bem raro.

*Qual era o nosso banho? Era praticamente só uma vez por semana. E não sempre. Ou tomava banho frio de bacia, ou esquentava com chaleira. Mais tarde nós construímos um chuveiro elétrico. Antes disso, nós puxamos dois postes e colocamos um tanque lá em cima, pra sol esquentar a água. Daí a gente já tomava banho mais seguido. Isso era uma coisa moderna, né. (Elésio)*

*Tomava banho numa sanga, ou numa vasilha. As crianças menor podiam usar a vasilha. Mas isso era bem raro, o banho, não era sempre, todo dia. (Chico)*

Os quatro contadores de histórias narraram a questão do banho com suas particularidades, mas todas trazem à tona as dificuldades de uma geração que não usufruía de praticidades diárias com as quais convivemos atualmente.

Optei por criar esse subcapítulo, mesmo não contemplando nenhum dos meus objetivos específicos, pelo fato de ter sido extremamente relevante a questão do trabalho braçal presente nas narrativas de todos os meus contadores de histórias. Portanto, busquei analisar o trabalho que cada contador de história desenvolvia na sua infância.

Primeiramente, é preciso ressaltar que os trabalhos desenvolvidos não eram remunerados, exceto para Chico que com sete anos foi trabalhar no alambique do seu tio, mas devia entregar seu dinheirinho todo para seu pai.

Dulce narrou que trabalhou na roça até casar e que nunca teve outro trabalho. Maria Lúcia trabalhou na agricultura também, mas sua tarefa era outra: cuidar dos bebês que nasciam na localidade. Quando estava em casa, cozinhava para seus pais. Já Chico, trabalhou no fumo, alambique, e também na lavoura. Elésio cuidava dos seus irmãozinhos, bem como, das panelas no fogão a lenha, e também ajudava seus pais na lavoura.

O trabalho braçal requeria muito esforço e dedicação. As famílias contavam com o apoio



dos filhos para que dessem conta de todo serviço que uma propriedade rural necessitava.

Costurar roupas fazia parte dos afazeres que eram destinados às meninas. Dulce e Maria Lúcia costuravam as roupas dos seus irmãos. Dulce contou que tinha 15 anos de idade quando comprou a primeira roupa. Os tecidos eram comprados na cidade de Lajeado, fruto da colheita obtida no ano. Para Chico e Elésio, as roupas eram costuradas pelas mães ou pelas irmãs.

O consumo de qualquer artefato era limitado para todos os contadores de histórias e pelo fato de ser rara a aquisição, dava-se muito valor aos produtos que tinham. Percebe-se isso nas narrativas que descrevem com detalhes as roupas, calçados, banho com água limpa.

Os contadores narraram seus banhos como sendo raros e de diferentes formas. Maria Lúcia e Dulce buscavam água distante, em baldes, e usavam gamelas. Para Chico, o banho acontecia em bacias, e mais tarde em um chuveiro fabricado pela família. Já Elésio, tomava banho em uma sanga ou numa vasilha.

É uma geração que não possuía as praticidades que temos na atualidade. Uma geração marcada por dificuldades, hoje já superadas, mas que ensinaram muito e que hoje servem como grandes lições para nós, geração marcada pelas praticidades.

#### **5.4 A vida escolar e os castigos da época**

Atualmente, as crianças, na sua maioria, tem a vida escolar ativa. Na época dos contadores de histórias, estudar era considerado um privilégio para poucos. Diversos foram os fatores que levaram os nossos contadores de histórias a não permanecer ativos durante muito tempo nos estudos. Boa Esperança é uma localidade grande, distante da escola para alguns, mais perto para outros. Muitas vezes o difícil acesso, a distância que precisava ser percorrida para chegar à escola, a chegada de mais irmãos, o trabalho que precisava ser vencido nas propriedades, eram alguns dos motivos para desistirem dos estudos. Conciliar essa rotina de trabalho diário com os estudos não era tarefa fácil e muitas vezes inviável quando se tratava de famílias numerosas.

Dulce iniciou sua narrativa contando que na sua época existia uma espécie de quadro que chamavam de “grivel<sup>2</sup>”. Ela escrevia, e depois mostrava para o professor. Quando estava tudo escrito, Dulce precisava decorar o conteúdo e apagar o grivel. Chegar até a escola era muito difícil para Dulce, o inverno tornava-se ainda mais rigoroso diante das condições de vestimenta daquela época:

*Ia de manhã, e era longe pra ir, minha Nossa Senhora! De a pé tinha que ir, até lá em cima onde mora a filha do Dario. Ia eu, os meus irmãos, o Neldo, o Cleto... ih, todos foram junto comigo na aula. Às vezes um foi de cavalo, eu também fui. Nós tinha um pitiço, bem pequeno. Daí às vezes eu fui junto de cavalo, né?! No inverno era frio, ia com chinelinho de dedo, não tinha meio pra bota nem nada. Pensa né? Chegava na escola, os dedos estavam duros de frio. (Dulce)*

Como Dulce, na sua época Maria Lúcia também escrevia no “grivel”:

*A gente escrevia, apagava, escrevia, no grivel. Era que nem uma caneta, uma pena sabe? Apagava com um paninho. Se estava cheio, tinha que apagar. (Maria Lúcia)*

Para Elésio, o mais novo dos contadores de histórias, o caderno já era um objeto presente na sua infância. Ele ainda relatou o quanto era difícil a situação financeira da família.

*Ah, eu já tinha caderno. Caderno. Lápis isso tudo o pai e mãe compravam. Muitas coisas eles exigiam, mas o pai e a mãe eram pobres, daí eu só ganhava meia dúzia de lápis de cor. Isso tudo tinha que tirar do pila. Naquele tempo era doze cor, eu ganhava seis cor. (Elésio)*

Quando Chico começou a frequentar a escola ele tinha uma espécie de pedra, onde escrevia, após, no período da catequese, surgiu o caderno, ou seja, ele viveu essa transição da pedra para o caderno.

*Tinha um caderno depois pra catequese, uma coisinha ou outra. Mas antes era tudo escrito na pedra, que tinha que apagar depois. Então tinha uma pena especial. Aí tinha um pedaço de espuma pra apagar, ficava tudo limpo e escrevia outra coisa. Este era nosso passatempo. (Chico)*

<sup>2</sup> A expressão utilizada pela entrevistada é oriunda do dialeto em alemão. Na língua portuguesa, a expressão que mais se assemelha ao objeto mencionado é “lousa”. Tratava-se de uma lousa pequena que era utilizada como caderno.

A forma de registro escolar utilizada durante a infância destes contadores nos faz pensar sobre a impossibilidade de as crianças retomarem o conteúdo já trabalhado a partir de seus materiais pessoais, no caso daqueles que utilizaram a lousa ou pedra. O que chega a ser um contraste em relação aos tempos atuais em que a cobrança de registro para todas as aprendizagens se tornou um imperativo.

Maria Lúcia morava mais perto da escola, então não precisava caminhar muito, mas a contadora de história relata que algumas vezes foi de cavalo para a aula. Ela ainda nos deu detalhes de como era a escola na sua época:

*A escola era que nem uma casa. Primeiro era capela, tinha sala lá. Depois eles construíram uma escola. (Maria Lúcia)*

Ambas contadoras sentiam muito medo do professor, ele era visto como uma figura muito importante na comunidade e exigia muito respeito dos alunos. Elas nos contaram como eram os castigos dados pelos professores.

*Na escola tu apanhava, na escola...apanhava de vara. Vara de marmela ainda. Era uma vara assim grossa! O professor...ele tinha uma régua quadrada, aí, tu tinha que botar a mão assim e ele bateu aqui. E depois tu não podia mais escrever de tanta dor nos dedos. Os professores eram muito ruins meu Deus! A gente já tinha medo quando a gente via o professor. (Dulce)*

Questionada se Dulce havia recebido muito castigo na sua vida escolar, ela ressaltou que não. Que tinha medo, mas que algumas vezes recebeu alguns poucos castigos.

Maria Lúcia também narrou o medo que sentia do professor.

*O Rude, ele tinha uma vara grande, ajoelhava no milho, isso tudo a gente ouvia. Eles também não precisavam ser assim. Os professores eram ruins, Meu Deus do céu, como eram. (Maria Lúcia)*

Podemos observar através das narrativas que ambas contadoras de histórias, sabiam que existiam esses castigos dados pelos professores, mas que não eram desobedientes. Faziam o que o professor solicitava e respeitavam muito essa figura que denominavam “Importantíssima”.

Os contadores homens também narraram como viam os professores da sua época. Assim como as contadoras mulheres, eles também recebiam castigos. Elésio contou como foi punido pela professora por conta dos “puxa saco”, como ele mesmo caracteriza. Chico lembra desse período com muita dor, em virtude da forma como os professores constrangiam as crianças diante dos demais colegas e de pessoas da comunidade

*Eu tinha a professora, ela era mais braba que o professor. Um dia desses eu levei uma chinelada, até hoje não sei porque. Eu me lembro umas coisa ainda, como se fosse hoje. Nós saía ali naquele canto, que vai pro Pé de Chumbo, ali tinha um tio morando e o filho mais novo deles ia na aula comigo. Daí no recreio nós fomos lá. E quando voltamos, nós estávamos na fila e ela pegou no braço e passou o chinelo. Mas isso tinha os puxa saco, de certo eles entregaram. Nem arte eu tinha feito. (Elésio)*

*Apanhava de vara dos professores. Ajoelhava no grão de milho na porta da escola pro pessoal que passava na rua olhar a gente de castigo, barbaridade e a gente ficava com vergonha. (Chico)*

Quando questionados se os contadores homens gostavam de ir para escola ou iam porque seus pais obrigavam, Elésio nos conta os dois lados:

*Ah, no fundo, no fundo eu gostava. Mas o que, no lado que eu não gostava é que nós não ganhava tempo pra fazer o tema. Se não fazia de noite e nossa luz era lampião. (Elésio)*

Ao contrário de Elésio, Chico não gostava nem um pouquinho de ir para escola. Mas logo mais adiante, na entrevista ele destacou que percebeu a importância do estudo:

*Eu não gostava muito, mas por fim eu vi que tinha que ter um pouco de estudo. Mas, era obrigado a ir pra aula. (Chico)*

Quando interrogados sobre a interrupção nos estudos, Elésio tinha uma resposta na ponta da língua:

*Ah, porque? Porque em primeira mão eu era o mais velho né e eu tinha que trabalhar, isso não tinha. O trabalho exigia muito. Com 13 anos de idade eu peguei um arado e não larguei mais. Então naquela época, não tinha condições, ia botar um filho no colégio tinha que arrumar uma morada num parente. Hoje é muito fácil né, vai na estrada e passa um ônibus e leva as crianças. (Elésio)*

As dificuldades de acesso enfrentadas pelos contadores de histórias foram, de certa

forma sanadas com os avanços (ainda que a passos lentos) das políticas de ampliação e obrigatoriedade escolar em nosso país.

Outro objetivo da minha pesquisa foi analisar de que forma os familiares entendiam esse processo de escolarização, ou seja, quem os ajudava nas lições de casa, como os contadores de histórias se organizavam quanto a isso. Dulce narrou que seus pais mandavam as crianças irem para a escola e que as crianças na época não questionavam, simplesmente iam, mesmo que isso as desagradasse.

A contadora de história Dulce relatou que na sua época de infância, seus pais não tinham estudado para ajudar os filhos e que precisavam aprender mesmo na escola. Narrou também que os pais não conversavam muito com eles sobre assuntos adultos. Chico, conta que não recebia ajuda nem do pai, nem da mãe. Percebe-se que a narrativa desse contador vem carregada de muito sentimento pelo pai.

*Eu aprendi a ler e escrever na escola, mas eu era duro, não era fácil. Era o mais difícil ler, era muito difícil. Hoje eu troco as letras tudo, porque antigamente não era que nem hoje. Eu não sei falar direito, as netas sempre dizem que é com outra letra, mas eu troco porque não estudei muito. Os pais também não tinham estudo pra ensinar mais a gente em casa depois da aula. A gente ia um tempo na escola e depois parava, não é como hoje, que precisa estudar. Como era tudo difícil, barbaridade! (Dulce)*

*Que nada! Não ajudava nada. Um ou outro irmão me ajudava. Não tinham conhecimento e não se interessavam também. (Chico)*

Diferente dos pais dos contadores Dulce e Chico, os pais de Maria Lúcia conversavam com seus filhos sobre o que era certo e o que era errado. Maria Lúcia destacou que seus pais também não sabiam muita coisa para poder ajudar, mas o que sabiam, ensinavam aos filhos.

*Meus pais diziam o que era certo e o que era errado, a gente aprendia algumas coisas com eles. O que eles sabiam ensinar, viu? Por que da escola eles também não sabiam muita coisa. Nós ia na escola, mas saber muito a gente não sabia. (Maria Lúcia)*

Percebe-se o quanto os contadores de histórias possuem essa percepção de que os pais não tinham muito estudo para ensinar as coisas. A escola, inúmeras vezes, acaba deixando de lado aquilo que os pais sabem, é só o saber escolarizado que é valorizado. Os pais tinham muito conhecimento no trato de animais, na plantação e cultivo na agricultura. Eles possuíam muito saber, mas acabavam se colocando no lugar de que não sabiam das coisas e os filhos reproduzem essa fala.

Se perguntássemos para os contadores de histórias o que os pais ensinaram a eles, com certeza teria muito o que contar, mas esse ensino remetido ao escolar dá um lugar de vazio para o saber.

Elésio narra com um sorriso no rosto como funcionava na sua casa.

*O tema né, nós tinha que fazer de noite. A mãe ajudava nós a fazer o tema, ela ajudava bastante. (Elésio)*

Maria Lúcia fez questão de contar como funcionavam as provas.

*Naquela época a gente não tinha prova. Fim de ano veio um de longe e deu pra nós fazer as provas. Era uma prova no fim do ano. Isto não era fácil. Isto não era, vamos ver se tu passa esse ano, vamos ver se tu fica esse ano. Isto não era. Não tinha nota. Chegava no fim do ano, ia pra outra série. (Maria Lúcia)*

Embora houvesse um rigor nos castigos, não havia esse rigor do aluno devolver o que ele aprendeu ao professor. Então, era outra forma de relação. Era um rigor de obediência, mas não para passar de ano. Havia essa figura externa que vinha uma vez por ano, lá no final do ano e podemos questionar: qual a relação que os contadores tinham com essa pessoa?

Podemos pensar o quanto um dado como esse é potente e o quanto a relação que se estabelecia, em matéria de rigor e respeito era muito em virtude dos castigos. Atualmente, não conseguimos imaginar a escola sem avaliação, ou seja, tentamos colocar rigor em cima das avaliações.

Neste subcapítulo, debrucei-me sobre o processo de escolarização na época dos meus contadores de histórias. Relatos sobre o material escolar, o difícil acesso às escolas, a dificuldade de aprender e a pouca permanência nas instituições escolares se fizeram presentes neste subcapítulo.

A contadora de história Dulce narrou que escrevia no *grivel*, uma espécie de um quadro, que podiam escrever, mas que logo em seguida, após mostrar para o professor, deviam apagar.

Era necessário, decorar o conteúdo. Maria Lúcia também utilizava o *grivel*. Para Elésio, o mais novo contador, o caderno já era um artefato presente na sua infância, mas, relata que, devido as dificuldades financeiras dos seus pais, poucos eram os materiais escolares que ganhava. Já Chico viveu a transição da pedra para o caderno.

A forma de registro dos conteúdos mostra a impossibilidade de se retomar o conteúdo trabalhado. Os contadores deveriam aprender no ato da apresentação dos conteúdos.

Outro fator relevante foi a narrativa sobre o medo que os contadores de histórias sentiam dos professores. Estes passavam um sentimento de respeito absoluto. Dulce relatou que na escola eram aplicados castigos, apanhava-se de vara de marmela. Um dos castigos relatados por Dulce descreve a cena do professor batendo com uma régua na palma da mão. Dulce contou que tinha muito medo, mas que algumas vezes recebeu alguns poucos castigos. Lúcia contou que os alunos ajoelhavam-se no milho quando desobedeciam. Elésio e Chico também narraram os castigos da época da infância. Chico, com muita tristeza lembrou que os professores constrangiam os alunos pelos castigos dados e também por exporem eles.

Elésio conta que até gostava de ir para escola, mas lembrou com tristeza que não tinham tempo para fazer o tema. Chico, ao contrário, não gostava nada, nada de ir para a escola, mas reconhece a importância da mesma. Os pais mandavam os filhos irem para a escola, não havia como questionar esse fato, deveriam simplesmente obedecer e ir, mesmo que isso não fosse de agrado.

Os contadores de histórias não tinham muito estudo, ou melhor, alguns fatores influenciavam essa permanência na escola. Entre alguns empecilhos, foram narrados o trabalho que precisava ser desenvolvido na lavoura, chegada de irmãos, difícil acesso, escolas distantes da propriedade.

Dulce conta que aprendeu a ler e escrever na escola, mas que essa tarefa não foi nada fácil. Relatou ainda que atualmente troca letras, pelo fato de antigamente não ser incentivado a permanência durante todo o ciclo de alfabetização. Chico contou que seus pais não ajudavam nas tarefas de casa, pois os pais não tinham interesse nisso. Quem o ajudava eram os irmãos. Maria Lúcia conta que os pais ensinavam o que sabiam, destacou ainda que té iam na escola, mas saber muito, ah, isso não sabiam. Para Elésio, era sua mãe quem ajudava na tarefa de casa.

As provas aconteciam uma vez só, no final do ano. Vinha um professor desconhecido, este aplicava a prova. Não havia repetição de ano escolar, somente testavam os conhecimentos. Não havia qualquer relação com este professor que vinha no final do ano, mas era outro fator

inquestionável.

## 5.5 Um amor chamado Boa Esperança

É emocionante quando percebemos o afeto e o forte vínculo que os contadores de histórias têm com a comunidade onde nasceram e moram até os dias atuais. Mesmo com tanta dificuldade que tiveram na infância, nenhum deles pensa em sair de lá. Durante muitos momentos das narrativas, pude observar o que de fato significa uma pessoa se identificar com o seu local de origem.

Para os contadores de histórias, não é somente o fato de sair da comunidade, mas sim, perder essa rede de contato que eles possuem com os vizinhos, perder a configuração que possuem da terra, da casa, do local onde cresceram.

Para Hall (2005), é interessante investigar como se constrói o significado. Quando faço minhas narrativas com os contadores de histórias, interesse-me compreender como se construiu o significado de infância que eles possuem. Pela linguagem, os sujeitos da cultura criam e constroem as suas representações e o meu interesse foi poder sondar as representações de infância dentro de uma dada cultura. A linguagem para Hall não seria somente o dialeto em si, ou seja, a linguagem oralizada, mas sim linguagem gestual, corporal, que significa as coisas. A própria cultura vai passando de geração em geração através da linguagem.

Os relatos são de dificuldades. Mas como assim? Se tudo era tão difícil, do que estes contadores de histórias sentem saudades então? Os contadores de histórias podem nos ajudar:

*Ah, isso eu sempre gostei de morar aqui no nosso interior, no nosso município. Não gosto de trânsito, muito agito, carro correndo muito como na cidade. Eu nunca não pensei em sair daqui, eu nasci aqui e me criei aqui. Gosto daqui, as pessoas se dão bem. Eu nunca não tinha inimizade com ninguém. Às vezes tu pode ter um atrito, mas amanhã tu vai te dar de novo. Tu tem de saber ceder. Eu fiz a minha vida aqui. Moro nessa casa desde que me casei. (Elésio)*

É instigante pensar como já no ano de 1986, as autoras Queluz e Cordeiro relatavam o “caos da cidade”. Fato esse que Elésio mencionou como um fator de não querer sair da sua localidade.



O ritmo de vida na cidade é apressado e apressador. Todos parecem estar, sempre, querendo fazer as coisas mais depressa. Assim que o sinal de trânsito abre, o motorista de trás buzina, impaciente. Geralmente anda correndo, mal-humorado. Na realidade, não tem urgência em chegar. Apenas não sabe mais relaxar, esperar sua vez. Não podemos modificar o caráter da sociedade, em que a rapidez é um modo de vida aceito e valorizado, e as crianças também precisam se acostumar ao apressamento e impaciência dos adultos (QUELUZ; CORDEIRO, 1986, p. 16).

Para mim, enquanto pesquisadora, compreender essa dupla faceta dos contadores de histórias, que narravam um tempo difícil mas que deixou muita, muita saudade estava sendo uma das etapas mais difíceis, mas com a ajuda dos próprios, creio que se tornou mais compreensível. Nesse sentido, Chico e Elésio foram bem claros e objetivos nas suas respostas.

*Pois é, tinha as horas de diversão que a gente se lembra bem, como a caçada de passarinho, pescar. Pescava, óia. Um anzol, dois no bolso. Lá por essa horas limpava os passarinho, fazia um bom de um fogo. Que tempo bom. Era tudo mais simples, só que não tinha nada. Não tinham nem um rádio em casa. Então, um vizinho comprou um, e nós ia lá de tardezinha pra escutar rádio. E o pai dizia brabo: Amanhã tem que acordar cedo pra trabalhar, não dá pra sair toda noite. Mas nem era toda noite, mas ele dizia. Era uma, duas vezes por semana, nós pegava o cavalo e ia lá escutar rádio. Pegava essas rádio de São Paulo, Tupi, Record. Mas também trabalhava muito. A gente passou essa infância sacrificado. Mas assim mesmo a gente tem saudade do tempo da infância. (Chico)*

*Olha, eu voltaria nesse tempo. Daí de repente eu ia ter mais anos de vida né. As criança hoje, contra a gente, tem uma vida de rainha. Eles não precisam trabalhar, podem brincar quando querem. Só que né, é a vida. A gente pede para as crianças fazer alguma coisa e elas dizem, já vou, e não vão. A gente não foi ensinado assim, não tinha como fazer a volta e se esconder do serviço. (Elésio)*

Podemos perceber, através dos relatos dos contadores de histórias, o quanto eles ficcionalizam o passado, ou seja, não quer dizer que quando a contadora de história Dulce diz que gostaria que esse tempo voltasse, não que não seja um real desejo dela, mas logo em seguida ela menciona o quanto esse tempo também era difícil. Portanto, podemos dizer que os contadores de histórias sofreram naquele passado, mas ainda assim gostariam de voltar nele. Era um período difícil, de muito trabalho e pouco tempo para brincar, mas os contadores de histórias demonstram uma certa “conformismo” para com esses fatos, ou seja, o senso comum presente nas narrativas é essa conformidade dos fatos, onde muitas vezes surge a frase “foi difícil, mas era assim”. Não se questionava. Os contadores criaram significados de que os fatos não poderiam ser questionados, uma vez que viam seus irmãos, primos crescerem sem poder fazer o uso desse artifício. Nossos atos são regidos, muitas vezes, pelas práticas de senso comum. Muitas vezes precisamos levar uma sacudida da vida para criarmos uma ruptura nessa prática de senso comum. Para Santi e Santi:

O entendimento, portanto, da cultura com ênfase no significado, na importância da formação de um senso comum, a partir de um conjunto de práticas estruturado pela produção e intercâmbio de significados, será central para o exame do conceito de representação (SANTI; SANTI, 2008, p. 2).

Dulce deu mais detalhes:

*Morava todo mundo junto numa casinha aqui na Boa Esperança. A casa era pequena, de madeira e sempre a mãe fazia fogo no fogão a lenha. Que coisa boa era sempre esse cheiro de lenha quando a mãe começava o fogo. Nós era pobre, mas o pai plantava as coisas pra comer. (Dulce)*

Chico também dá a sua opinião sobre a adorada localidade.

*Antigamente era tudo Boa Esperança, hoje tem tanta outra picada. Mas aqui é bom, não saio daqui. Nem pensar ir pra cidade. Não quero cidade, não quero barulho. Eu adoro morar aqui, barbaridade. Tem tanta coisa pra contar... (Chico)*

Para Maria Lúcia não foi diferente.

*Na Boa Esperança as crianças antigamente tinham mais respeito. O vô sempre diz que no tempo antigo era mais bonito, todo mundo tinha sua casinha, pátio arrumado, tudo simples, cada um tinha tudo simples, agora cada um quer tudo mais chique, mais bonito, mais fino. Quer ser mais grande. Isso é assim! Que triste, viu? Nós tinha aqui, nesse mesmo lugar onde moramos hoje nossa casa velha. Como era bonito viu?! A gente gosta tanto daqui que nem pensa em ir embora. Não vejo nós em outro lugar, aqui é bonito né? (Maria Lúcia)*

E de fato, uma das falas que mais mexeu comigo enquanto pesquisadora remete ao fato de a própria contadora de história fazer eu me desacomodar e fazer refletir. Maria Lúcia começou uma das suas falas dizendo: “Vocês não sabem nada, Meu Deus”. Como eu gostaria de poder dedicar mais tempo para ouvir essas tantas histórias de dificuldades, mas de grandes ensinamentos e superações.

Retomando Paulo Freire (2005), você ouve o outro e dá importância para aquilo que ele diz. Cria-se então uma dialogicidade que implica uma humildade em relação aquilo que eu já sei, porque eu me coloco no lugar de não saber quando eu quero ouvir o outro e mostrar que aquilo que ele fala tem importância para mim, enquanto pesquisadora.

Elésio conta que as crianças da sua época precisavam ocupar seu tempo com outras coisas que não fosse a televisão. Ele ainda narra o que seu vô achava sobre a chegada da televisão.

*No ano 70, quando o Brasil ficou campeão, ali no campo velho tinha um primo do pai morando. Aí nós fumo lá olhar. Isso a sala dele não tinha mais lugar, isso nós estávamos sentados no chão, olhando o jogo e torcendo. Ele foi o primeiro aqui a ter tv. O Vô, ele sempre dizia, essa tv isso é a perdição da nossa juventude, diz ele. Isso vai dar só bandido, ele dizia. Mas isso vai da pessoa já né. Antigamente as crianças precisavam se ocupar com outras coisas. (Elésio)*

Chico comentou que o grande erro da atualidade é não ensinar as crianças a trabalhar.

*Sim, isso tem toda liberdade hoje, o que na época, óia, liberdade mesmo...só fim de semana mesmo. Mas ainda tinha o serviço que tinha que ser feito. Ia na missa, depois fazia pasto pros animal, tratava, dava água, depois podia brincar. E hoje as crianças não fazem nada, não são ensinadas a nada de trabalhar. Isto que é um grande erro, grande erro! Barbaridade! (Chico)*

Maria Lúcia lembrou com carinho de um momento com seu pai, no auge do verão.

*No verão o pai fazia um mate, sentava no chão, as crianças sentavam na perna dele, brincando com ele e tomando mate, assim era nesse tempo. (Maria Lúcia)*

Chico lembrou de um momento saboroso que sua mãe proporcionava.

*A mãe fazia muito polvilho em casa, de aipim. Então ela fazia rosca, óia. No forno de tijolo, na rua. Cuca fazia também, mas ah! Uma cuca grossa. Nunca mais se come cuca igual. Não sai mais igual. Da mãe era bom. Isso o gosto era bom. Uma massa boa. Daí ela chamava a gurizada toda e nós podia comer a vontade. Em dia de semana, depois de trabalhar muito, era mais saboroso ainda. (Chico)*

Quando questionados sobre a infância atual e a infância que eles viveram, os contadores de histórias dão sua singela opinião. Ou seja, as narrativas vão ao encontro da infância que os netos (as) dos contadores de histórias vivem hoje.

*Pelo menos eles conversavam mais nesse tempo, hoje em dia não é assim. Isso eu já falei umas quantas vezes. Agora tão só ali né. Agora não tem mais nem tempo pra falar com os pais, os velho. E nós gostamos de conversar. Hoje eles não podem trabalhar, devem só estudar. Os netos vem passear aqui em casa e nem conversam com a gente, ficam só naquelas coisas e querem ir logo pra casa porque senão termina aquela coisa da internet e daí depois eles não tem mais. Os netos precisavam saber desse tempo antigo pra valorizar tudo o que o pai e a mãe dão pra eles. (Maria Lúcia)*

É interessante questionar essa narrativa da contadora Maria Lúcia. Ela nos contou que naquele tempo eles conversavam mais, mas de que forma, se eles não podiam nem participar das rodas de conversa e muito menos duvidar de algo posto? As crianças não tinham esse lugar de diálogo. Algumas crianças sequer podiam conversar com os adultos. O diálogo se fazia com os pares, ou seja, com as crianças da localidade.

Elésio narrou sobre a liberdade que as crianças da atualidade possuem e como educar um filho.

*E hoje, na realidade, não vou dizer todos, eles tem muita liberdade. A própria lei, o pai não pode educar seu filho sem bater. Tá errado, isso eles querem fazer um homem com 18 anos, daí não dobra mais. Tu tem de ensinar a criança desde pequenininho né, pegar o hábito e fazer. Não precisa judiar né, porque a gente foi muito, muito judiado. Mas eles precisam saber como é a vida. (Elésio)*

Chico, aquele que leva os momentos passados bem na rédea curta, ou seja, evidencia bastante os momentos ruins da infância, narrou sobre o quanto na sua infância eles foram judiados e hoje não admite as crianças serem tão respondonas com seus pais.

*Os meu filhos, eu não judiei, nenhum. Depende o tamanho, a idade, dava um servicinho pra esse, pra aquele. Eles tinham que ajudar, e...mas naquela época, isso foi judiado demais, serviço pesado que não pertencia a criança. Muitas vezes a gente gostava de fazer, como no alambique, mas outras coisas, era muita força. Óia, era pesado, era pesado. Carroça gostava muito. Quando era o dia de puxar cana, era o primeiro. Óia, responder pros pais, isso eu acho ridículo. Até a gente vê eles xingando os pais, meu Deus! Isto é ridículo. Se fosse naquela época, matavam a gente a pau. Era sofrido, muito sofrido. (Chico)*

Um amor pela localidade onde nasceram e vivem até hoje, é isso que resume esse subcapítulo. Existe algo mais belo e delicado? Esses contadores de histórias revelam uma grande paixão pela terra, pela sua casa, pela família e pelos amigos que ali fizeram, bem como as raízes deixadas pelos seus antepassados, que também viveram naquela localidade. Meus contadores mostraram que as dificuldades foram superadas e que nenhum deles pensa em deixar a sua moradia do interior para irem à cidade.

Meus contadores de histórias também relatam como era a questão de “respeito, obediência” naquele tempo e fazem uma breve reflexão de como está hoje. Alguns manifestam seu desagrado com a educação das crianças atualmente e mostram um interesse muito grande em poder contar as histórias da infância para seus netos, porém, estes não mostram interesse em ouvi-los.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Início este capítulo descrevendo o quão gratificante foi este trabalho de conclusão de curso, sobretudo a escolha das narrativas, pois tive a oportunidade de dar voz, e muitas vezes fazer com que estes contadores de histórias narrassem grandes angústias, mas que foram as histórias vividas por eles. Muitas vezes a emoção também se fez presente, momentos em que tive que segurar minhas lágrimas e me manter firme. Enquanto pesquisadora, pude enfatizar a questão da infância não ser aquela idade cronologicamente demarcada, vai muito além disso. Infâncias narradas como experiências valiosas, verdadeiros tesouros. Experiências essas que constituem as pessoas que somos hoje.

No primeiro capítulo analítico, debrucei-me diante das seguintes inquietações: De que forma aconteciam as práticas de socialização; De que forma se dava o relacionamento com os pais? Com os primos? E com os vizinhos? De que forma aconteciam e se aconteciam demonstrações de afeto dos pais para com os contadores de histórias?

Com relação às práticas de socialização, percebi que estas aconteciam de maneiras inversas para os meus contadores de histórias. Enquanto as mulheres defendiam o pai como sendo o mais “bonzinho”, os homens narraram fatos nos quais apresentam a mãe como sendo menos rígida. Cenas de carinho não foram relatadas especificamente pelos meus contadores, porém, percebi que nas entrelinhas havia essa demonstração de afeto. Maria Lúcia, Dulce, Chico e Elésio narraram as brincadeiras com primos e vizinhos. Os primos eram considerados

irmãos, membros pertencentes a família.

No capítulo seguinte, busquei compreender a relação dos meus contadores de histórias com o brincar; analisar as brincadeiras e seus brinquedos; identificar quando, com quem, e de brincavam.

Com relação ao aspecto das brincadeiras, meus contadores de histórias narram como sendo somente no domingo. Porém, há um grande contraponto a se fazer, pois nas entrelinhas, narraram fatos nos quais as brincadeiras aconteciam em momentos após o almoço, no recreio da escola, em dias de chuva. Ou seja, um brincar para além daquele tempo que narraram, mas sempre limitado, com hora marcada para início e fim.

Brinquedos industrializados não eram de fácil acesso para os contadores de histórias. Destas formas, eles faziam uso do faz-de-conta para criarem as suas brincadeiras e torná-las atrativas. Fabricavam os seus brinquedos, por exemplo, a bola de futebol, o carrinho de lomba, boneca de pano.

A questão do trabalho na infância, também foi outro grande destaque que apareceu nas narrativas dos contadores de história. Apesar desta temática não fazer parte dos meus objetivos específicos, considerei oportuno escrever sobre tal devido à forte marca/experiência que isso deixou nos entrevistados. Portanto, busquei analisar o trabalho que cada contador de história desenvolvia na sua infância, destaco que estes trabalhos não eram remunerados, exceto para Chico. As famílias contavam com o apoio dos filhos para que dessem conta de todo serviço que uma propriedade rural necessitava. Foi uma geração marcada pelo trabalho que desenvolviam, juntamente com seus pais e irmãos para que tivessem uma vida mais digna.

Em relação ao processo de escolarização na época dos meus contadores de histórias, encontrei relatos sobre o material escolar, o difícil acesso às escolas, a dificuldade de aprender e a pouca permanência nas instituições escolares. A forma de registro dos conteúdos mostra a impossibilidade de se retomar o conteúdo trabalhado. Os contadores deveriam aprender no ato da apresentação dos conteúdos.

Outro fator relevante foi a narrativa sobre o medo que os contadores de histórias sentiam dos professores. Estes passavam um sentimento de respeito absoluto e também davam castigo, caso fosse necessário.

Os contadores de histórias não tinham muito estudo, ou melhor, alguns fatores influenciavam essa permanência na escola. Entre alguns empecilhos foram narrados o trabalho

que precisava ser desenvolvido na lavoura, chegada de irmãos, difícil acesso, escolas distantes da propriedade.

As provas aconteciam uma vez só, no final do ano. Vinha um professor desconhecido, este aplicava a prova. Não havia repetição de ano escolar, somente testavam os conhecimentos. Não havia qualquer relação com este professor que vinha no final do ano, mas era outro fator inquestionável.

Afinal, quais as representações de infâncias de um grupo de idosos de uma localidade interiorana do município de Cruzeiro do Sul/RS? Cada contador de história narrou a sua infância com suas particularidades, existindo assim, diversas representações de infâncias. Porém, algumas coisas se repetem, como um tempo limitado para o brincar, uma relação não tão próxima com os pais, uma escolarização mais rígida, brincadeiras que envolviam os primos e vizinhos. Podemos pensar sim em diferentes representações, com particularidades individuais.

Finalizo meu Trabalho de Conclusão de Curso, com uma mensagem deixada por um dos meus contadores de histórias, logo no início da entrevista, quando nem sequer havia ligado o gravador de voz, e que, através dela, buscarei não encerrar meu trabalho por aqui. O interior dessa localidade é a minha origem, é lá que estão as raízes da minha família, e eu, enquanto tiver vida, darei, sim, voz aquelas pessoas que se consideram por muitas vezes “insignificantes”, sem “nada” para contribuir. As horas transcrevendo as entrevistas serviram para mostrar-me o quanto eu sou uma apaixonada pelas histórias de infâncias desses amáveis contadores de histórias. Serão para sempre parte da minha história enquanto estudante do curso de Pedagogia.

*“Minha menina, nós aqui do interior não vamos conseguir te ajudar nesse trabalho que tu diz ser tão importante para tua carreira. Nem nossos netos escutam mais a gente, nós não vamos saber falar certo aquilo que tu precisa. Porque tu não procura fazer com outra gente que sabe mais? Gente da cidade talvez, com um pouco menos de idade. Nós já somos velhos, pensa bem, tu vai fazer isso com meus colegas aqui, eles também não são mais novo. Quem dessa faculdade ia querer escutar a gente? E pra que? Nossas histórias são tão simples, mas tão simples guria”. Nós nem estudo temos, como vamos ajudar alguém que tá quase “professora?” Mas se tu quer muito, a gente conta aquilo que sabe, aquilo que acha que vai saber contar. Daí tu leva lá para tuas professoras essas histórias? Vamos lá então, isso vai ser bonito. Será que vem mais gente depois querer conversar com a gente? Voou preparar um chimarrão primeiro, antes de começar, tá? Daí a vó me ajuda a lembrar das coisas, enquanto a gente toma um chimarrão”. (MEU CONTADOR DE HISTÓRIA)*





## REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M. H. M. B. Memórias, Narrativas e Pesquisa Autobiográfica. **História da Educação (UFPel)**, Pelotas, v. 14, n.1, p. 79-95, 2003.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

AZEVEDO, Elder dos Santos. A narrativa da experiência de uma possível participação política das famílias no cotidiano escolar. In: FERRARI, Anderson (Org). **A potencialidade do conceito de experiência para a educação**. Juiz de Fora: UFJF, 2013. p. 41-57.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: as infâncias de Manoel de Barros**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/18027/16976>>. Acessado em: 17 abr. de 2017.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2015.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. **Infância e maquinarias**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

DOMINICO, Eliane; LIRA, Aliandra Cristina Mesomo. **A Infância e o brincar: o lugar da ludicidade na vida das crianças do campo**. **Cadernos da Pedagogia**. Vol 8 n. 15, jul-dezembro/2014, p. 18-30. Disponível em : <http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/viewFile/669/259> Acessado em: 24 ago. de 2017.

FAOUR, Carla. **A arte de escutar: histórias que revelam a beleza de ouvir e ser ouvido.** Rio de Janeiro: Agir, 2009.

FRANCO, Marcia Elisabete Wilke. **Compreendendo a infância como uma condição da criança.** Porto Alegre: Mediação, 2002.

FRANÇA, Filipe Gabriel Ribeiro. A construção de caminhos por/pela experiência. In: FERRARI, Anderson (Org). **A potencialidade do conceito de experiência para a educação.** Juiz de Fora: UFJF, 2013. p. 59-74.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 43. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever, esquecer.** 34 ed. São Paulo, 2006. Disponível em:

<[http://www.hrenatoh.net/curso/textos/txt\\_gagnebin\\_jeanne\\_m\\_lembraescrevereesquecer.pdf](http://www.hrenatoh.net/curso/textos/txt_gagnebin_jeanne_m_lembraescrevereesquecer.pdf)>. Acesso em: 18 abr. 2017.

GOMES, J. O. **A memória e suas repercussões no envelhecimento saudável.** 2007, 40 fl. (Monografia de Conclusão de Curso). Graduação em Psicologia. Departamento de Psicologia. Universidade Federal de Juiz de Fora.

GUSSI, Alcides Fernando. **Reflexões sobre os usos das narrativas biográficas e suas implicações epistemológicas entre a Antropologia e a Educação.** In: 26ª Reunião Brasileira de Antropologia. Porto Seguro, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 10a ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

KOHAN, Walter Omar. A infância da educação: o conceito devir-criança. In: KOHAN, Walter O. (Org). **Lugares da infância: filosofia.** Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p. 51- 68.

\_\_\_\_\_. **Infância: entre educação e filosofia.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

HORN, Ticiania Elisabete. **Pés descalços e tênis , carroça e carro, boneca de pano e computador, entre o rural e o urbano: experiências num entrecruzar de infâncias.** Porto Alegre, 2010.

JUNG, Daiane Nicolini. **Autoridade: encontros e desencontros nas relações familiares.** 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 21ª edição. Ed: Vozes. Petrópolis, 2002.

MUYLAERT, C. J. *et al.* Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP (Impresso)**, v. 46, p. 184-189, 2015.

OHLWEILER, Mariane Inês. **No labirinto da transmissão: a herança do conceito de autoridade.** Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/95669/000918518.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 16 abr. 2017.

PAIVA, V. Lucia Menezes de Oliveira e. A pesquisa narrativa: uma introdução. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. Belo Horizonte, 2008. v. 8. n. 2. p.1-6. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v8n2/01.pdf>>. Acesso em: 9 mai. 2017.

POSTMAN, Neil; CARVALHO, Suzana Menescal de A.; MELO, José Laurenio de. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

QUELUZ, Ana Gracinda - pesq.; CORDEIRO, Ana Maria - pesq. **Tempo de ser criança**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rio Grafica, 1986.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender**. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

SANTI, Heloise Chierentin; SANTI, Vilso Junior. **Stuart Hall e o trabalho das representações**. Revista Anagrama. Revista Interdisciplinar da Graduação. Ano 2- Edição 1. Setembro/Novembro de 2008, p. 1-12.

SANTOS, H. T.; GARMS, Gilza Maria Zauhy. **Método autobiográfico e metodologia de narrativas: contribuições, especificidades e possibilidades para pesquisa e formação pessoal/profissional de professores**. In: II Congresso Nacional de Formação de Professores - XII Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores - Por uma revolução no campo da formação de professores. Águas de Lindoia, 2014. v. 10, p. 4095-4106.

SILVA, Uiran Gebara da; MARCHEZIN, Lucas Tadeu. Memória, narrativa e história. In: SILVA, Uiran Gebara da. **Brincadeiras de muitos tempos e lugares: em busca das memórias dos profissionais da educação da creche central e da escola de aplicação da Universidade de São Paulo**. São Paulo: Ed. do Autor, 2014, p. 21-37.

SOUZA, E. C. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. In: Antonio Dias Nascimento e Tânia Maria Hetkowski. (Org.). **Memória e Formação de Professores**. Salvador: EDUFBA, 2007, p. 137-156.

WITTIZORECKI, E. S.*et al.* Pesquisar exige interrogar-se: a narrativa como estratégia de pesquisa e formação do pesquisador. **Movimento (Porto Alegre)**, v. 12, p. 9-34, 2006.

ZAGAGLIA, Rosângela Alcantara; PEREIRA, Tânia da Silva. O Estatuto do Idoso e os Desafios da Modernidade. In: LEMOS, Maria Teresa Toríbio Brittes; ZAGAGLIA, Rosângela Alcântara. (Orgs). **A arte de envelhecer: saúde, trabalho, afetividade e estatuto do idoso**. Rio de Janeiro: UERJ, 2004. p. 175- 196.

## **APÊNDICES**

**APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO E ESCLARECIDO**

Eu, \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, declaro por meio deste Termo que ACEITO participar da coleta de dados da pesquisa de graduação realizada por Camila Guntzel Ely, aluna do Centro Universitário - UNIVATES, de Lajeado/RS, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Mariane Inês Ohlweiler.

Declaro que fui informado/a de que o objetivo desta pesquisa intitulada “Infância Rurais: Memórias de uma época”, é: analisar as representações de infância de idosos que residem na localidade de Boa Esperança Baixa/Cruzeiro do Sul-RS, a partir de narrativas biográficas.

Desse modo, serão realizadas entrevistas, as quais serão transcritas posteriormente, para tanto será usado um gravador de áudio.

Declaro que fui igualmente informado (a) de que as informações coletadas a partir desta pesquisa serão utilizadas apenas em situações acadêmicas (artigos científicos, palestras, seminários, etc), identificadas somente por nome fictício e número relativo à idade do participante.

Estou ciente de que, em caso de dúvida, poderei contatar a pesquisadora para os esclarecimentos desejados. Fui informado (a) ainda de que poderei deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, mediante a comunicação à pesquisadora responsável pela mesma.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_ de 2017.

Assinatura da pesquisadora

\_\_\_\_\_  
Assinatura da (o) participante

\_\_\_\_\_

## **APÊNDICE B - PERGUNTAS NORTEADORAS PARA AS ENTREVISTAS**

- Como era a sua infância? O que mais lhe marcou?
- Como era a vida em família? E com seus primos, vizinhos, amigos?
- Como seus pais demonstravam o carinho que sentiam por você?
- Você recebia castigos em casa? E na escola? Se sim, descreva-os.
- Havia diálogo com seus professores? E com seus pais?
- Como eram suas brincadeiras? Em que momentos elas aconteciam?
- Seus brinquedos eram fabricados ou industrializados?
- Você estudou? Até que série?
- Você trabalhou na sua infância? Se sim, qual era o período destinado às brincadeiras?
- Do que você lembra com carinho da infância?
- Você ia para escola por vontade própria ou porque seus pais obrigavam?
- Você tinha material escolar? Como eram? Quem os comprava?
- Quem foi seu maior educador?
- Quem lhe ajudava nas lições de casa?
- Lembra do primeiro dia de aula? Quais eram as brincadeiras na escola?